



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FÁBIO FIGUEIRA PIMENTEL

**EXTREMISMO VIOLENTO DE DIREITA E AS CONEXÕES DISCURSIVAS DOS
MANIFESTOS DE BREIVIK, TARRANT E CRUSIUS**

JOÃO PESSOA / PB

2021

FÁBIO FIGUEIRA PIMENTEL

**EXTREMISMO VIOLENTO DE DIREITA E AS CONEXÕES DISCURSIVAS DOS
MANIFESTOS DE BREIVIK, TARRANT E CRUSIUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira

Coorientador: Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior

JOÃO PESSOA / PB

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catálogo e Classificação

P644e Pimentel, Fábio Figueira.

Extremismo violento de direita e as conexões discursivas dos manifestos de Breivik, Tarrant e Crusius / Fábio Figueira Pimentel. - João Pessoa, 2021.
60 f.

Orientação: Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira.
Coorientação: Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Breivik. 2. Crusius. 3. Extremismo violento de direita. 4. Lobo solitário. 5. Manifestos terroristas. 6. Tarrant. 7. Terrorismo. I. Ferreira, Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat. II. Teixeira Júnior, Augusto Wagner Menezes. III. Título.

UFPB/CCSA

CDU 327(02)

FÁBIO FIGUEIRA PIMENTEL

**EXTREMISMO VIOLENTO DE DIREITA E AS CONEXÕES DISCURSIVAS DOS
MANIFESTOS DE BREIVIK, TARRANT E CRUSIUS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 12 de julho de 2021

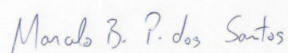
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Professor Dr. Marcelo Burgos Pimentel dos Santos
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

DEDICATÓRIA

Para Lu, as Crianças
e Theo (*in memoriam*).

Meus Amores no Multiverso!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o apoio incondicional oferecido pela minha família nesta nova conquista. Agradeço especialmente Luciana, minha companheira de uma vida, pelo amor e assistência, boa vontade e paciência. A Fábio e Manuella agradeço por abdicarem de seu tempo comigo e me deixarem estudar só mais um pouquinho. Sei que esse tempo que deixei de estar com vocês valeu a pena. Obrigado pelo seu amor incondicional.

Agradeço a minha Mãe Yêdda por ter me criado e oferecido o exemplo que me trouxe até aqui. Agradeço também a minha segunda Mãe Isa que me adotou como filho. Obrigado pelo carinho e mimos frequentes. E para Ju e João que sempre acreditaram em mim, deixo aquele abraço que chega ao outro lado do mundo.

Gostaria de agradecer aos meus orientadores, Marcos Alan e Augusto Teixeira Junior por toda paciência e fé, orientação diligente e incentivo. Sem as suas palavras este trabalho não sairia no papel. Ao professor Pascoal Gonçalves que me ajudou na primeira etapa desta jornada, agradeço por mostrar que o ‘Show da Luna’ tem de continuar. Ao Professor Túlio Ferreira obrigado por uma conversa inspiradora no estacionamento da Central de Aulas, mostrando que se pode fazer do limão uma limonada.

Também gostaria de agradecer a todo o corpo docente do DRI na figura do Professor Ielbo Lobo, meu primeiro professor desta graduação. Vocês todos são profissionais incríveis, exemplo que a Educação é o principal ativo que uma pessoa pode ter. Deixo um abraço a todos os servidores da UFPB, em especial ao Marquinhos e a turma do corpo administrativo do nosso curso pela dedicação e fidalguia com que tratam a todos nós.

Aos amigos que fiz nestes 4 anos e meio de curso: JK, Hermano, Mirelle, Pamella, Priscylla, Bruno, Petrônio, Brenda e Rafael. Obrigado pela sua afeição, acolhida e por deixarem nossas noites leves e instigantes. Em especial ao meu amigo Joel Ferreira: sempre haverá um novo dia para lutar por um mundo melhor, claro que, entre um café e um dedo de conversa. A todos os outros colegas com quem estudei, troquei ideias e sorrisos, obrigado.

Por fim, gostaria de agradecer aos colegas da firma por sua amizade despretensiosa, exemplo e incentivo. Obrigado ao Estado Brasileiro que permitiu que tivesse uma carreira que me desafia todo dia. E por ter educação superior, pública, gratuita e de qualidade. E que além disso, me permitiu ter saúde e vacina no braço e viver mais um dia para ver o sol nascer!

*Eu não estou interessado em nenhuma teoria,
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais.*

*A minha alucinação é suportar o dia a dia,
E meu delírio é a experiência com coisas reais.*

Alucinação
Belchior

*Ainda que eu falasse a língua dos Homens,
E falasse a língua dos Anjos,
Sem Amor eu nada seria.*

Monte Castelo
Legião Urbana

*And if a double-decker bus
Crashes into Us,
To die by your side
Is such a heavenly way to die.
And if a ten ton truck,
Kills the both of us.
To die by your side,
Well, the pleasure, the privilege is mine.
There Is a Light That Never Goes Out
The Smiths*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso aborda o extremismo violento de direita e os atentados perpetrados por Anders Breivik (Noruega/2011), Brenton Tarrant (Nova Zelândia/2019) e Patrick Crusius (EUA/2019), analisando as conexões discursivas entre seus manifestos à luz de teorias conspiratórias e pressupostos da extrema direita. Para isso, a pesquisa dialoga com conceitos sobre o fenômeno da violência política, terrorismo, ação de lobo solitário, radicalização e poder dos manifestos terroristas. O principal objetivo deste trabalho é demonstrar como atos de terror e manifestos terroristas podem reforçar a natureza autorreferencial do terrorismo de extrema direita e criam uma espiral que alimenta novos atos de terror. Por fim, o trabalho propõe medidas para mitigar a disseminação do discurso de ódio e o alcance de teorias conspiratórias, com sugestões de enfrentamento à ameaça do terrorismo de extrema direita.

Palavras chave: Breivik; Crusius; Extremismo Violento de Direita; Lobo Solitário; Manifestos Terroristas; Tarrant; Terrorismo.

ABSTRACT

This graduation thesis addresses violent right-wing extremism and the attacks perpetrated by Anders Breivik (Norway/2011), Brenton Tarrant (New Zealand/2019) and Patrick Crusius (USA/2019), analyzing the discursive connections between their manifestos in light of conspiracy theories and far-right assumptions. The research dialogues with concepts about the phenomenon of political violence, terrorism, lone wolf action, radicalization and the power of terrorist manifestos. The main objective of this paper is to demonstrate how acts of terror and terrorist manifestos can reinforce the self-referential nature of far-right terrorism and create a spiral that fuels new acts of terror. Finally, the work proposes measures to mitigate the spread of hate speech and the reach of conspiracy theories, with suggestions for confronting the threat of far-right terrorism.

Keywords: Breivik; Crusius; Lone Wolf; Violent Right-wing Extremism; Tarrant; Terrorism; Terrorist Manifestos.

SUMÁRIO

1	Introdução	9
1.1.	<i>Justificativa e Problema</i>	<i>11</i>
1.2.	<i>Objetivos</i>	<i>12</i>
1.2.1.	Objetivo Geral	12
1.2.2.	Objetivos Específicos	12
1.3.	<i>Estrutura e Metodologia</i>	<i>12</i>
2	Espectro político da violência	14
2.1.	<i>Pressupostos da Extrema Direita</i>	<i>14</i>
2.2.	<i>O fenômeno do terrorismo e o lobo solitário</i>	<i>17</i>
2.2.1.	Terrorismo	19
2.2.2.	Terrorismo de Lobo Solitário	22
2.2.3.	Extremismo.....	24
2.2.4.	Radicalização.....	25
2.3.	<i>O poder dos manifestos.....</i>	<i>27</i>
3	Estudos de caso	33
3.1.	<i>Breivik e seu manifesto</i>	<i>33</i>
3.2.	<i>Tarrant e seu manifesto</i>	<i>37</i>
3.3.	<i>Crusius e seu manifesto</i>	<i>43</i>
3.4.	<i>Análise Comparada</i>	<i>48</i>
4	Considerações finais	51
	Referências	54

1 INTRODUÇÃO

O extremismo violento doméstico é considerado o maior problema securitário dos Estados Unidos da América (EUA). Esta declaração foi dada pelo diretor do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), Christopher Wray¹, antes de sua audiência ao Comitê de Segurança Interna e Assuntos Governamentais do Senado no dia 17 de setembro de 2020 (SHERMAN, 2020). Para o Diretor do FBI, extremistas violentos com motivação racial ou étnica, ou terroristas domésticos motivados por ódio racial ou religioso, constituem grande parte das investigações sobre terrorismo doméstico do FBI. A maioria desses ataques é alimentada por algum tipo de supremacia branca vinculada a extrema direita (DONAGHUE, 2020).

Relatório não classificado de março de 2021, produzido pelo Escritório do Diretor Nacional de Inteligência dos Estados Unidos (2021), elencou que extremistas violentos domésticos representavam uma ameaça elevada à segurança interna em 2021. Para a Comunidade de Inteligência estadunidense, os supremacistas brancos violentos e as milícias antigoverno são a ameaça mais letal e persistente aos EUA. De acordo com análise do Centro de Estudos Estratégicos Internacionais (DOXSEE; HARRINGTON, 2021), extremistas alinhados com essas ideologias perpetraram 66% dos ataques terroristas e conspirações criminosas em 2020. FBI vê a ameaça retratada por esses extremistas violentos com motivação racial ou étnica da mesma forma que a ameaça constituída pelo grupo terrorista do Estado Islâmico (FARIVAR, 2021).

Em 15 de junho de 2021, o governo Biden divulgou a primeira Estratégia Nacional dos Estados Unidos para Combater o Terrorismo Doméstico. Ela envolve um plano abrangente com medidas de curto e longo prazo para enfrentar a crescente ameaça representada pelos ataques de militantes de supremacia branca e outros extremistas violentos. A estratégia tem quatro pilares: entender e compartilhar inteligência (informações) sobre o terrorismo doméstico interagências; prevenir o recrutamento para o terrorismo doméstico e a mobilização para a violência; interromper e impedir ataques terroristas; e confrontar os disseminadores históricos do terrorismo doméstico. A nova estratégia pretende dotar 100 milhões de dólares do orçamento do ano fiscal de 2022 em recursos adicionais para Departamento de Segurança Interna (*Department of Homeland Security*), Departamento de Justiça (*U.S. Department of Justice*) e

¹ <https://www.rev.com/blog/transcripts/house-homeland-security-hearing-transcript-september-17-fbi-director-testifies>

FBI garantindo que o Governo Federal tenha analistas, investigadores, promotores e outros funcionários, além dos recursos necessários para impedir o terrorismo doméstico e fazer justiça quando a lei for violada (The White House, 2021).

Como uma ameaça doméstica suplantou outras ameaças externas na mais poderosa nação do planeta? Que até hoje trava guerras contra o terrorismo *jihadista* mundo afora.

O extremismo violento de direita é um fenômeno antigo que ganhou notoriedade com os atos da *Ku Klux Klan (KKK)* nos anos 1960 durante a luta por igualdade de direitos civis e com o ataque de Timothy McVeigh², na cidade de Oklahoma, EUA, em 1995. Ele é a ponta final de toda uma filosofia baseada no ódio em nome de um conservadorismo distorcido, sectário e com ideários nazifascistas. Como não vincular ao extremismo violento de direita a recusa ao resultado das eleições estadunidenses de 2020 e a tentativa de invasão e sítio do Congresso em 6 de janeiro de 2021 (SÁNCHEZ-VALLEJO, 2021)?

Na Europa, este problema ganhou uma nova forma, diferente daquelas que remontam as origens da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (2GM), com a intensificação da imigração, principalmente mulçumana, que acentuou ainda mais os discursos xenofóbicos de uma direita populista cada vez mais forte naquele continente (Correio da Manhã, 2021).

De acordo com Cruickshank (2019), editor chefe do periódico *Combat Terrorism Center Sentinel*, uma onda crescente de atentados de extrema direita ressurgiu a partir de meados de 2018: Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, outubro de 2018; Christchurch, Nova Zelândia, março 2019; Poway, Califórnia, EUA, abril de 2019; *Bærum*, Noruega, agosto de 2019; El Paso, Texas e Dayton, Ohio, EUA, agosto de 2019; e Halle, Alemanha, outubro de 2019. Para ele, estes ataques são em parte resultado de uma reação em cadeia fomentada dentro dos violentos ambientes online de subcultura do extremismo de direita. Este ecossistema digital se retroalimenta de forma cumulativa, dissolvendo os limites da violência para aqueles que estão envolvidos mundo a fora, à medida que um ataque encoraja e inspira outro, criando uma nova leva de santos e mártires para outros imitarem.

Apesar de não ser ainda um problema brasileiro, o extremismo violento de direita mesmo que marginal, pode se intensificar e se desavergonhar com a ascensão da direita

² <https://www.nytimes.com/2020/04/19/us/Timothy-McVeigh-Oklahoma-City-Bombing-Coronavirus.html>

populista e suas pautas a partir de 2016. Ademais, a polarização política pode, assim como ocorreu nos Estados Unidos durante as eleições presidenciais, intensificar sua atuação.

É no meio desse caldo multicultural e geopolítico, com a ascensão da direita populista mundial e a reboque da extrema direita, com seu discurso misógino, racista e xenofóbico, que proponho estudar esse fenômeno social para entender sua gênese, seus efeitos e como determinados atos extremos de terror perpetrados por atores solitários na última década podem ter íntima correlação entre si através da atração promovida por seus manifestos.

1.1. Justificativa e Problema

O extremismo violento de direita desperta no ocidente do século XXI como resposta ao processo de globalização intimamente ligado a ressurgência da extrema direita populista em vários países ocidentais (DW, 2016). Ele é o ápice da propagação do discurso de ódio que atinge diretamente minorias étnicas, religiosas e de gênero, direcionadas muitas vezes, à figura dos imigrantes, que ocupam, a cada dia, novos espaços, nas democracias ocidentais dos países desenvolvidos.

Esse discurso de ódio, muitas vezes reverberado por líderes políticos populistas, incentiva uma escalada de ações contra populações vulneráveis, que vão do preconceito, passam pela injúria racial até ao assassinato em massa. Tais eventos chamam a atenção da mídia em menor medida que os atentados terroristas dos *jihadistas* em solo estadunidense ou europeu (HASAN, 2017; GILSINAN, 2019).

Estudar o supremacismo branco de extrema direita e o extremismo violento (atentados) de direita, suas raízes, fundamentos discursivos, processos de radicalização e de propagação por meio dos manifestos difundidos com o uso de novas tecnologias de informação e redes sociais, contribui para o entendimento do fenômeno de violência direta, como ato político, contra minorias no ocidente, em nome do ódio sectário.

Pesquisa do estado da arte revelou que existem duas escolas bem distintas de estudos do extremismo violento de direita: uma estadunidense e outra europeia. Talvez cada uma exista para entender o problema da violência política em seus domínios e realizar a conexão entre realidades distintas buscando similaridades e diferenças.

Mais que isso, pesquisa previa em banco de teses, dissertações e repositórios de trabalhos de conclusão de curso demonstram baixa densidade de estudos aprofundados sobre o extremismo violento de direita e seus manifestos na Academia Brasileira.

Uma possível contribuição deste trabalho será fomentar o debate sobre este tema, abrir uma porta para uma nova agenda de pesquisa no Brasil e quem sabe indicar novos caminhos para formar uma outra consciência sobre o problema.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

- Estabelecer a conexão discursiva comum entre os manifestos e ações extremas (atentados) de Breivik, Tarrant e Crusius.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Analisar os pressupostos fundamentais do supremacismo branco de extrema direita que justificaram os atentados de Breivik, Tarrant e Crusius;
- Comparar os manifestos de Breivik, Tarrant e Crusius;
- Determinar a conexão dos ideários da extrema direita com os manifestos analisados.

1.3. Estrutura e Metodologia

O processo de pesquisa pode ser entendido como um ato criador, no qual o conhecimento é construído durante o percurso, desde as etapas que envolvem a escolha do tema, escopo, conteúdo até o momento no qual o planejamento e execução indicam o que deve surgir (SCHRADER, 2002).

Devido a grande quantidade de ataques em massa perpetrados pela extrema direita ao longo dos últimos quarenta anos em todo mundo, a seleção dos atentados e seus manifestos foi limitada aqueles que ocorreram na última década (2011-2020), fundamentada em uma seleção qualitativa que estreitou os ataques em massa com base nas características do incidente como ação de lobo solitário, alta contagem de vítimas, radicalização significativa, uso de novas tecnologias como redes sociais, importância dentro do movimento extremista branco vinculado a extrema direita como fonte de inspiração ideológica e interligação expressa dos ataques perpetradores com o atentado executado por Anders Breivik em 2011 na Noruega.

A fim de afirmar ou refutar a hipótese de que as ações e o manifesto de Anders Breivik em 2011 inspiram e/ou colaboram para os atentados ocorridos em 2019 em Christchurch (Nova Zelândia) e El Paso (EUA) proponho uma análise estruturada em 3 fases com uma pesquisa ampla do fenômeno do extremismo violento de direita.

A primeira etapa constituída de pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e descritivo, com revisão de literatura, que buscará analisar os pressupostos fundamentais do extremismo violento de direita que justificaram os atentados de Breivik, Tarrant e Crusius a luz das similaridades encontradas entre as duas grandes escolas europeia e estadunidense sobre o tema.

A segunda fase busca analisar os atentados de extrema direita de Breivik, Tarrant e Crusius fazendo uma abordagem holística dos atos terroristas, seu modo de operação, divulgação e motivações através do que foi exposto em seus manifestos em uma abordagem de estudo de caso conforme preconizado por Van Evera (1997). Com isso será possível comparar política e ideologicamente onde ocorrem similaridades desses manifestos com a ideologia de extrema direita.

Em uma terceira fase, durante as considerações finais, serão elencadas medidas para mitigar a disseminação do discurso de ódio e o alcance de teorias conspiratórias, com sugestões de enfrentamento à ameaça do terrorismo de extrema direita.

2 ESPECTRO POLÍTICO DA VIOLÊNCIA

2.1. Pressupostos da Extrema Direita

Inicialmente, é importante destacar que a extrema direita não é uma entidade única organizada, e nunca foi. A extrema direita segue linhas políticas diversas dentro do espectro político de direita, com narrativas e justificativas, que podem divergir entre si. Mesmo as pessoas que se associam a essa linha de pensamento, não podem ser classificadas como um corpo com identidades, culturas e reivindicações comuns. A extrema direita se move rapidamente e está em mutação constante.

Uma constante quase universal nos grupos de extrema direita, é sua incitação, propensão e uso da violência como forma de ação política em favor de sua causa, seja ela qual for. Não é à toa supor que uma pessoa que se declara de extrema direita acredita na ação direta violenta ou extrema como elemento legítimo da ação política (DURHAM, 2007, p. 99-114).

Mais uma vez generalizando, a violência política e o terrorismo de extrema direita, agrupam atividades políticas extremistas e violentas que visam comunidades e atores específicos, que na visão desses grupos, seriam os culpados pelas aspirações fracassadas, queixas ou mudanças do mundo. Esses alvos podem ser judeus e o Estado de Israel, chamado de ZOG (*Zionist Occupation Government*), muçulmanos, elites, que incluem oficiais do governo e agentes da lei, raças não-brancas (pardos, amarelos, indígenas), ativistas políticos de esquerda e liberais, proponentes do multiculturalismo, imigrantes, comunidade LGBTQI+ e até traidores, pessoas do seu grupo que colaboram com o “inimigo”. Já os grupos belicosos de extrema direita incluem gangues difusas de jovens, movimentos ultranacionalistas, movimentos religiosos e milenares, grupos racistas, neonazistas, antissemitas e outros grupos ativistas contrários a tudo que prega ideias de igualdade entre raças, culturas e credos (HOLBROOK; TAYLOR, 2013, p. 2).

Com apreço extremado ao passado, membros da extrema direita podem também seguir doutrinas e ter princípios religiosos, inclusive com visões extremamente arraigadas baseada em conceitos fundamentalistas e milenares da religião cristã. Da mesma forma, grupos de extrema direita podem ter nenhuma relação com a religião, ou mesmo repudiá-la. Grupos de extrema direita podem ou não ter apreço ao ideário nazifascista e sua coesão, organização, comando e controle podem variar de grupo para grupo, ou mesmo de indivíduo para indivíduo. As formas de aplicação da violência podem incluir indivíduos isolados (lobos solitários) agindo

em nome dessas crenças, enquanto grupos hierárquicos extremamente organizados podem buscar as estruturas rígidas de comando e controle do inspiradas no Terceiro Reich (HOLBROOK; TAYLOR, 2013, p. 2).

Outra característica da miríade de grupos de extrema direita é que a afiliação e recrutamento não se dá apenas aos “homens brancos”, apesar desta afiliação ser sempre baseada no sentido de pertencimento de grupo, ao ideário de extrema direita e ao alvo de beligerância que o grupo procura atingir (inimigo).

Assim como grupos neonazistas ou de supremacia branca, incluem apenas um punhado de ativistas unidos com objetivo de defender a raça ariana contra conspirações “sionistas” e do “governo central”, podem existir grupos que lutam pela pureza da raça branca contra a miscigenação negra, latina, amarela. Da mesma forma, grupos cristãos não necessariamente brancos, podem combater a “invasão” mulçumana, a opressão capitalista ou a destruição do meio ambiente.

Uma grande dificuldade com relação aos grupos de extrema direita é que eles próprios não se reconhecem como extremistas. Muitas vezes por questões de paranoia e de proteção, já que a violência faz parte de sua prática usual, esses grupos não costumam descrever suas práticas e métodos de ação política como extremas. Desta forma esses grupos não se veem como membros de uma categoria e podem se reconhecer, não como membros da extrema direita, mas como arianos, criacionistas, patriotas brancos, cavaleiros justiceiros, conservadores culturais, *contrajihadistas*, milicianos, nacionalistas, guerreiros sagrados raciais, voluntários raciais, homens da (*Ku Klux*) *Klan* (*klansmen*) ou quaisquer outros nomes que os vinculem a suas gangues, movimentos e vertentes. Esses grupos não têm um único inimigo comum daquilo que seriam as pautas conservadoras de direita. (HOLBROOK; TAYLOR, 2013, p. 3).

Outra grande distinção a ser feita é a impossibilidade de traçar uma fronteira clara entre manifestações violentas e extremas da extrema direita e as plataformas políticas mais moderadas que às vezes defendem retórica semelhante da extrema direita. Um olhar mais atento de onde essas plataformas, muitas vezes populistas, ocorrem, pode indicar onde e como essas vertentes mais violentas e terroristas da extrema direita nascem e florescem, agem e são ou não toleradas.

Em termos psicológicos, membros da extrema direita podem ser identificados como aqueles com uma personalidade autoritária, submissão exagerada à autoridade, níveis extremos de conformidade com os padrões convencionais de comportamento, hipocrisia associada à

agressão e violência e abordagens punitivas a minorias e grupos divergentes (ADORNO et al. 1950 apud HOLBROOK; TAYLOR, 2013, p. 4). Em comum é que todos tendem a estar associados a visões autoritárias e de direita. Em termos ideológicos, as visões de extrema direita são opostas as visões de extrema esquerda, mas em termos psicológicos seu comportamento é dirigido pela violência como forma de ação e de afirmação do seu ideário político ou para mudança ou reforma do *status quo* similar a grupos de extrema esquerda.

Concorrem para o fato que grupos de extrema direita não se reconhecerem como tal, devido a sua vinculação ao nazifascismo e os eventos extremos que marcaram o fim da 2GM e a descoberta dos campos de concentração e dos horrores do holocausto, além do racismo intrínseco. Aliado a isto, os eventos do 11 de setembro de 2001, e a derrocada do Comunismo em 1989, ajudaram a mudar o foco dos tradicionais inimigos da extrema direita, judeus, ZOG, negros e comunistas, para mulçumanos e o multiculturalismo, também reconhecido como marxismo cultural e o governo que seria pernicioso em essa “nova invasão”. Esse novo foco poderia ter apoio tácito senão aberto por partes das populações anglo-saxãs europeias e estadunidenses atingidas por essa “invasão”. Esse novo inimigo é diferente dos grupos que são anti-imigração ou etnonacionalistas (pureza racial) (HOLBROOK; TAYLOR, 2013, p. 5). Tais condicionantes aliadas a globalização permitem que teorias conspiratórias como a grande substituição possam direcionar o ódio sectário a grupos específicos em cada realidade.

Com relação aos atos extremos de Anders Breivik em 2011, Brenton Tarrant e Patrick Crusius em 2019, é importante, a luz do que já foi exposto aqui, dissecar suas motivações através dos pressupostos e convenções do extremismo violento de direita. Apesar de ocorridos em momentos, locais e contra “inimigos” diversos, esses atentados guardam similaridade com relação ao modo de operação e execução das ações, seleção de alvos e justificativas políticas, expostas em manifestos disseminados pela Internet, dentro do ideário de extrema direita.

Ademais, existiria uma conexão lógica associada em que os atos de Breivik foram a única inspiração dos atos de Tarrant (RAVNDAL, 2019) que por sua vez inspiraram os atos de Crusius numa espiral recorrente. Tarrant admitiu ter se inspirado nas ações e no manifesto de Breivik: “2083: A European Declaration of Independence” (BERWICK, 2011)³ e Crusius

³ O manifesto de Breivik foi originalmente lançado com o codinome anglicizado de Andrew Berwick e a cidade de Londres como local de publicação. Nas referências apesar de se referir a Breivik foi deixado os dados originais da publicação.

admitiu ter encontrado inspiração nas ações e manifesto de Tarrant: “*The Great Replacment*”⁴ (TARRANT, 2019).

2.2. O fenômeno do terrorismo e o lobo solitário

O terrorismo na Europa e na América do Norte é perpetrado, cada vez mais, por lobos solitários. Esses indivíduos operam independentemente de grupos terroristas, auto radicalizados, são cada vez mais um problema para as forças de segurança, inteligência e os especialistas em contraterrorismo.

O terrorismo, como fenômeno político social, se repete de forma reinventada. A KKK renasceu duas vezes (GORDON, 2017). Após a derrota do Terceiro Reich, grupos neonazistas apareceram nos Estados Unidos e na Europa (TENOLD, 2018). Ataques terroristas ressurgem, e com eles os mesmos velhos medos, argumentos e pretextos são reproduzidos: um teórico da conspiração entra em duas mesquitas contra a Grande Substituição em defesa da Europa contra invasores estrangeiros, vendo-se como cruzados que retomam sua “Terra Santa” de Saladino (HOFFMAN, 2019); um “nacionalista” declara guerra a imigrantes em um supermercado na fronteira dos EUA com o México; um assassino grita “*sic semper tyrannis*” (Assim sempre aos tiranos), e atira no presidente Lincoln (1865), um século depois, um homem é preso com a mesma frase em sua camiseta, no dia em que explode um prédio do FBI em Oklahoma City, matando 168 pessoas (COHEN, 2010); Dezesesseis anos depois, um terrorista com medo da grande substituição e do multiculturalismo na Noruega usa explosivos semelhantes aos usados por McVeigh no primeiro ato de violência extrema que mataria 8 no centro de Oslo e mais 69 na ilha de *Utøya* deixando 77 mortos (JUERGENSMEYER, 2011; SEIERSTAD, 2016).

Para esses terroristas, a violência é um meio para um fim, o único e último recurso disponível para mostrar a insatisfação com o sistema (*establishment*) e assim pressionar por mudanças. A escolha por ataques terroristas é baseada na crença de que essas táticas funcionarão como funcionaram no passado. No entanto, estudos sugerem que os movimentos não violentos têm duas vezes mais chances de sucesso em mudar uma realidade do que os meios violentos (HEDGES 2015, p. 113).

Por toda a história da humanidade, indivíduos e grupos seguiram caminhos similares pelas vias da violência política, usando meios semelhantes de comunicação,

⁴ Tarrant não assinou seu manifesto.

recrutamento e violência. Embora existam grandes abismos entre esses grupos em termos de ideologias, motivos e táticas, o que permanece o mesmo é que todos eles chegaram à conclusão de que um ato de terror é a melhor forma que eles podem imaginar para atingir seus objetivos (LAQUEUR; WALL, 2018, p. 32).

Entretanto, atos terroristas não são espontâneos e nem produzidos em um vácuo independente da realidade social ao qual estão inseridos, mas sim baseados em uma vida inteira de observação de como a violência promoveu mudanças, inclusive com a “arte da guerra”. Extremistas e terroristas sabem que “o poder político cresce a partir do cano de uma arma”, conforme sugere Mao Tse-Tung em 1936 ao discutir os Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária na China e a eficácia da violência utilizada repetidamente (TSE-TUNG, 1936).

Israel nasceu da violência do *Irgun*, provando que o terrorismo pode levar inclusive a formação de um Estado Soberano. Esta gênese “maculada” tem atormentado o Estado Israelense desde sua criação, enquanto permanece envolvido em um conflito sem solução de continuidade com os palestinos, Hamas e Hezbollah (SATLOFF, 2006).

Divisões internas e escândalos na KKK levaram a criação de dezenas de organizações ramificadas que buscam estabelecer a supremacia branca no Estados Unidos (HOLBROOK; TAYLOR, 2013).

O antissemitismo continua vivo na sociedade e é um foco de raiva tanto do movimento do poder branco (*white power*) quanto dos extremistas. Jihadistas ainda buscam “vingança” pelos erros que o Ocidente supostamente infligiu aos muçulmanos desde as Cruzadas (BERWICK, 2011). Cada grupo luta contra o que acreditam ser uma luta sagrada contra o inimigo.

À medida que o mundo se torna mais globalizado e conectado, vigiado e securitizado, grupos e indivíduos cada vez mais se adaptam para o uso da violência com o objetivo de alcançar sua “visão de futuro”. Os sequestros de aviões das décadas de 1960 e 1970 pela Frente Popular para a Libertação da Palestina não são mais exequíveis, devido ao reforço da segurança em aeroportos e aeronaves pós 11 de Setembro. Em vez disso, novas estratégias foram desenvolvidas, com base nos sucessos e fracassos de ataques anteriores (FORSYTH, 2006; SHANE, 2017).

Como parte dessa nova dinâmica, os ataques terroristas estão perdendo a forma de eventos coordenados e cuidadosamente planejados como os de 11 de setembro e estão cada vez mais baseados em uma abordagem desordenada em que lobos solitários usam meios de baixa tecnologia para atacar alvos fáceis (HALSEY III, 2018).

Nas últimas quatro décadas, a partir dos anos 1990, houve um aumento do terrorismo perpetrado por lobo solitário tanto nos Estados Unidos quanto na Europa (SPAALJ, 2012). Os respectivos ataques muitas vezes não vêm do exterior, mas de extremistas locais que desenvolvem seus planos em segredo (GORBAN; STRAUB; ZEUNIK, 2017, p. 6). Breivik, Tarrant e Crusius também utilizaram da sua independência e anonimato para fugir das autoridades durante a preparação de seus atentados.

A ação de lobos solitários cria problemas de toda ordem para as forças antiterroristas e contraterroristas, uma vez que dissuadir ou impedir uma única pessoa motivada por uma causa e um desejo de matar sem predisposição ou associação com o terrorismo convencional não é uma tarefa fácil (PITCAVAGE, 2015).

A prevenção de ataques é ainda mais complicada pelo período de gestação frequentemente curto, com alguns terroristas aparecendo do nada (HOFFMAN, 2019). Além disso, mesmo que existam informações sobre o perpetrador, muitas vezes elas se perdem na enxurrada de informações coletadas pelas agências de segurança. Por fim, é um desafio prevenir ataques sem apagar as liberdades individuais (*UK Home Department*, 2018).

Desta forma, o fato de que os ataques de lobo solitário tendem a ser esporádicos e aparentemente aleatórios significa que mesmo Estados com programas robustos de anti e contraterrorismo estarão sujeitos a ataques (PHILLIPS, 2017).

2.2.1. Terrorismo

O termo terrorista se origina no emprego da violência contra civis durante o Reinado do Terror na França de 1790, que lançou as bases para o terrorismo revolucionário e inspirou o primeiro uso da palavra terrorista (LAW, 2016, p. 7). Desde o século XVIII, a definição do termo tem sido agressivamente debatida entre governos, acadêmicos e organizações, não existindo consenso até os dias atuais (CHAKRAVORTI, 1994; CRONIN, 2015; JERRYSON; JUERGENSMEYER; KITTS, 2013; SCHMID, 2004; TEICHMAN, 1989).

Hoffman (2006) define o terrorismo como violência, ou a ameaça de violência, usada e dirigida, na busca de, ou a serviço de, um objetivo político. Essa definição enfatiza o papel central da violência para fins políticos, um componente do terrorismo sobre o qual existe um consenso geral nos estudos de terrorismo. Definições semelhantes são sugeridas por Laqueur e Wall (2018), para quem a faceta chave do terrorismo é o uso da violência e o medo gerado por ela para forçar algum tipo de mudança política dentro de uma sociedade. Berger (2018) vê o terrorismo como violência pública contra não-combatentes, realizada por

indivíduos ou grupos não governamentais, a fim de promover um objetivo político ou ideológico ou ampliar uma mensagem política ou ideológica.

Em particular, o uso ou ameaça de violência contra populações indiscriminadas é um componente importante do terrorismo. Em ataques terroristas, muitas vezes há um ataque deliberado contra civis em vez das forças de segurança com o propósito de promover uma política religiosa, causa racial ou ideológica (RICHARDSON, 2006, p. 8; STANFORTH; RATCLIFFE; RABENSTEIN, 2010, p. 5). Ao realizar um ataque, um terrorista busca tanto danificar o seu alvo e também criar um efeito psicológico por meio desses atos (HUTCHINSON, 1972, p. 385).

Sempre houve tentativas de avaliar as razões e facetas da violência política. A partir de civilizações antigas havia uma distinção entre o uso do terror como ferramenta de guerra e o terrorismo, que era visto como uma arma ilegítima usada por agentes imorais (LAW, 2016, p. 14). Isso criou os limites para a violência aceitável e inaceitável, que nos tempos modernos é ditada pelo Estado. Estabelecendo essa fronteira, o Estado tinha uma reivindicação de monopólio do uso legítimo da força física na execução de sua ordem conforme a definição clássica de Max Weber (1864-1920). No entanto, uma vez que o estado define o crime, surge a questão de saber se os Estados podem cometer crimes, assim como os indivíduos ou grupos (SCHMID, 2004, p. 198). Para Wight (2018) este é um debate controverso, uma vez que Estados, ao longo da história, usaram a violência para alcançar objetivos políticos, seja pelo genocídio de nativos americanos pelas colônias europeias, as *Gulags* de Stalin ou o genocídio em Ruanda ou Armênia, o que turva as definições de terrorismo. Assim, pode-se argumentar que os Estados podem de fato ser chamados de terroristas. No entanto, isso é conceitualmente inútil porque seguindo essa percepção, quase todos os estados existentes seriam terroristas. Além disso, legalmente falando, o Estado tem autoridade e jurisdição ilimitadas sobre todas as áreas da vida, mesmo na extensão do controle totalitário dentro de sua área de soberania doméstica (SPROAT, 1997, p. 142).

Assim, o termo terrorismo se concentra em atores não governamentais. O terrorismo, desta forma, é uma tática para os fracos que visam explorar fendas na armadura dos mais poderosos (CRONIN, 2009, p. 198). Devido ao desequilíbrio de poder entre os terroristas e o Estado, eles não podem atacá-lo diretamente e, em vez disso, devem recorrer ao ataque a alvos fáceis (*soft targets*) que causarão mais danos políticos, simbólicos ou econômicos. Como resultado, o terrorismo pode ser visto como um ato de violência que também é um ato de comunicação (HOUEN, 2002, p. 16). Cronin (2009) identificou três atores estratégicos nas campanhas terroristas: grupo, governo e público, destacando a importância do ato comunicativo

no terrorismo. Ataques a prédios governamentais, forças de segurança, igrejas, mesquitas ou sinagogas, ou cidadãos comuns, sem uma mensagem, seriam apenas atos aleatórios de violência ou de vingança pessoal. O motivo político comunicativo é o que separa o terrorismo do crime aleatório ou mesmo de alguns assassinatos (BERGER, 2018).

O terrorismo não deve ser confundido com outros atos de violência que podem parecer semelhantes à primeira vista, mas são baseados em motivações diferentes. Alguns atos são dirigidos contra atores políticos, mas não têm motivação política. Por exemplo, ataques realizados por indivíduos com problemas graves de saúde mental que não podem ser considerados terroristas. Além disso, o terrorismo não deve ser confundido com o crime organizado, mesmo com semelhanças comuns. A principal diferença entre as duas formas de violência é que os terroristas são ideologicamente ou politicamente motivados ao invés de motivados por fins financeiros. Schmid (2011, p. 66) diz que seria muito difícil encontrar um mafioso disposto a realizar um atentado suicida.

Os debates em torno das definições de terrorismo são alimentados por divergências quanto ao escopo e ao alcance do termo. Isso é particularmente verdadeiro para as linhas tênues entre a ideia de terrorismo e outros conceitos como guerra de guerrilha, insurgência e terrorismo de Estado. A diferença mais clara é a escala em que os guerrilheiros e insurgentes agem, em comparação com os terroristas: guerrilheiros e insurgentes tendem a ser grupos numericamente maiores de indivíduos armados que operam como uma unidade militar e conquistam e mantêm território, enquanto os terroristas não funcionam abertamente como unidades paramilitares, não tentam conquistar ou manter território, e evitam engajar as forças militares inimigas em combate (HOFFMAN, 2006, p. 35). No entanto, esses grupos não são mutuamente exclusivos, com sobreposição e movimento ocorrendo entre as categorias. Por exemplo, grupos que se originam como organizações terroristas podem ganhar terras e popularidade e se tornar uma insurgência ou movimento de guerrilha, como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), os Tigres Tamil no Sri Lanka ou o Estado Islâmico na Síria e Iraque.

Um problema adicional com a definição de terrorismo é seu alto grau de subjetividade. A compreensão do termo depende do contexto histórico e da perspectiva de quem formula a definição. Deste modo, a rotulagem de terrorismo quase sempre serve à agenda de um agente mais poderoso (LAW, 2016, p. 6). Isso significa que, apesar de banal, o ditado: “o terrorista de hoje é o guerreiro da liberdade amanhã” (LAQUEUR, 1987) continua válido. Desta forma, a designação de terrorista pode impactar a percepção pública a respeito de um grupo e pode ser usada politicamente ou legalmente deslegitimar grupos considerados divergentes ou perigosos pelos poderes dominantes (LAW, 2016, p.7).

O terrorismo pode ser entendido como violência política de indivíduos ou organizações não estatais, que pode incluir o terrorismo do lobo solitário, uma forma que tem se tornado cada vez mais frequente nos últimos anos (SIMON, 2016).

Definir o terrorismo de extrema direita é particularmente problemático devido ao caos conceitual que envolve a extrema direita, populismo de direita e a direita radical. O terrorismo de extrema direita pode ser entendido como o apoio ou uso de violência mortal para promover a separação das raças, enraizado na visão de que existe uma identidade comum, exclusivamente branca, ameaçada pela presença de outro (EHSAN; STOTT, 2020).

Após pressão internacional e dentro do escopo da realização da Olimpíada Rio 2016, o Brasil definiu na lei 13.260 (mar. 2016) o que é terrorismo. Segundo a Lei antiterrorista brasileira pode ser considerado um ato de terrorismo, qualquer ação de um ou mais indivíduos motivadas por razões de xenofobia, racismo, etnia e religião, que tenha por objetivo causar terror social colocando em perigo as pessoas, patrimônios e a paz pública (BRASIL, 2016).

2.2.2. Terrorismo de Lobo Solitário

Após os atentados de 11 de setembro em 2001 e com o início da “guerra ao terror” em nível mundial, houve um incremento nas capacidades das forças de segurança e inteligência de antiterrorismo e contraterrorismo. A maioria das nações desenvolvidas, principalmente aquelas que foram alvo de ataques, aumentaram em muito a sua capacidade de prevenir ataques organizados em larga escala por grupos terroristas, muitas delas trabalhando em cooperação estreita com a troca de inteligência, com a formação de forças tarefas ou uso de espionagem em larga escala de seus próprios cidadãos. Mesmo países não aliados ou mesmo antagônicos aceitam cooperar quando o tema é o terrorismo. Portanto, manter um grupo de extrema direita com ambições terroristas é praticamente impossível devido ao monitoramento do Estado e à falta de apoio externo e portos seguros. Com isso, os ataques estão cada vez mais sendo realizados em nome de uma ideologia ou grupo por indivíduos ao invés de um grupo terrorista (HOFMANN, 2018; RAVNDAL, 2019).

Além de medidas de vigilância eficazes, o surgimento do terrorismo do lobo solitário foi atribuído a uma variedade de fatores, incluindo a democratização da tecnologia, com novos meios de matar se tornando mais amplamente disponíveis e o mundo online cada vez mais polarizado e isolado no qual os indivíduos são suscetíveis à radicalização (HAMM; SPAAIJ, 2015)

O terrorismo de lobo solitário é caracterizado por indivíduos agindo sozinhos, ou com o mínimo apoio de uma ou duas outras pessoas, realizando violência política (SIMON,

2016). Assim, devido ao seu pequeno tamanho, os lobos solitários têm a capacidade agir sem serem detectados pelas forças de segurança (SIMON, 2016). Ataques por terroristas tipo lobos solitários foram realizados em nome de várias ideologias ao longo do tempo, desde o *Unabomber* (Theodore Kaczynski) com inclinações esquerdistas até o supremacista branco Dylann Roof ⁵. Desta forma, não existe um perfil de terrorista lobo solitário, embora alguns estudos tenham sugerido que eles são tipicamente mais educados e socialmente isolados do que terroristas baseados em grupos (SPAIIJ, 2012). Este foi o caso de Breivik, que passou anos jogando obsessivamente o jogo de computador de interpretação de personagens online para multijogadores em massa *World of Warcraft*, enquanto negligenciava suas redes de amizades pessoais e eventualmente se afastava “de amigos virtuais de quem era próximo” (SEIERSTAD, 2016).

A ideia de alguns indivíduos realizando ataques independentes de uma organização maior foi amplamente promovida por ideólogos de direita, como Louis Beam na década de 1980, que defendeu a resistência sem liderança para realizar uma nova forma de guerra assimétrica a fim de contornar a força militar superior do governo federal (BELEW, 2018; MORRIS, 2016, p. 57). Isso permitiu que indivíduos agissem sem direção, criando seus próprios planos de ataque que poderiam evitar o alcance da lei. Além disso, trabalhando sozinhos, os indivíduos podiam executar planos sem medo de serem denunciados à polícia por informantes ou colocados em listas de vigilância por se associarem a radicais conhecidos. Breivik estava especialmente preocupado com isso, dizendo que um invasor deve “fazer absolutamente tudo” sozinho e que as chances de apreensão aumentam em “100% para cada pessoa” envolvida (BERWICK, 2011, p. 853; SEIERSTAD, 2016).

A necessidade de conhecimento adicional ou ajuda durante um ataque agora é satisfeita pela Internet, que pode fornecer qualquer informação potencial ao terrorista sobre como planejar e realizar ataques, junto a como obter armas sofisticadas e fazer vários tipos de explosivos (SIMON, 2016, p. 249). Omar Mateen, o lobo solitário por trás do tiroteio no Pulse Nightclub, em Orlando (2016), usou o *Google* para pesquisar como soletrar “lealdade” e como destravar seu rifle de assalto durante o ataque que matou 49 pessoas e feriu outras 53⁶. Breivik usou vídeos do *YouTube* para guiar a criação da bomba usada em seu ataque (SEIERSTAD, 2016). Além disso, o uso da Internet permite que lobos solitários espalhem sua mensagem de maneira eficiente. Breivik carregou seu manifesto de mais de 1.500 páginas que foi citado pelo

⁵ <https://www.theatlantic.com/international/archive/2015/06/dylann-roof-world-white-supremacist/396557/>

⁶ <https://www.nytimes.com/2016/06/19/us/omar-mateen-gunman-orlando-shooting.html>

atirador de Christchurch, que também produziu um manifesto, e que foi usado como modelo para o ataque de Christopher Hasson⁷, um nacionalista branco que foi preso com armas antes de realizar um ataque (BERGER, 2019a).

Os lobos solitários são limitados apenas por sua imaginação e livres para tentar um ato de violência sem o controle político ou as lutas internas que ocorrem em organizações terroristas maiores. Sem uma verificação externa da violência ou uma influência moderadora de uma organização que pode atrair membros menos radicais, os ataques terroristas de lobo solitário podem ser mais indiscriminados do que normalmente seria aceitável para alguns grupos. Além disso, como muitos lobos solitários acreditam que seu ataque é irremediavelmente suicida, sem a opção de fuga, e desta forma, eles podem se concentrar em causar o máximo de danos possíveis para receber o máximo de atenção e glória. Breivik, Tarrant e Crusius iniciaram seus ataques acreditando que provavelmente seriam capturados ou mortos, e como isso, não tinham nada a perder (KNAUSGAARD, 2015; VIDAL, 2001; TARRANT, 2019; CRUSIUS, 2019).

Apesar dos benefícios que os ataques de lobo solitário têm para os terroristas, ele também tem suas desvantagens. A confiança em si mesmo para realizar todas as etapas de um ataque pode levar a erros de cálculo e tornar o lobo solitário exposto aos agentes da lei, especialmente se eles agirem irracionalmente sucumbindo à paranoia de serem pegos ou observados.

Ademais, porque falta uma estrutura organizacional em apoio, o terrorismo de lobo solitário também padece do conhecimento institucional e da influência que as organizações terroristas têm. Como resultado, lobos solitários têm pouco poder de permanência e é improvável que preparem sucessores, o que pode ser vantajoso, na visão dos órgãos de segurança que entendem que um lobo solitário não será um problema prolongado, mas um perigo isolado (CRONIN, 2009, p. 98).

2.2.3. Extremismo

Muito antes de terroristas realizarem ataques, eles se envolvem ou se interessam por ideologias extremistas por meio da radicalização. Essas ideologias extremistas definem as regras para quem faz parte do grupo interno, quem faz parte do grupo externo e como o grupo interno deve interagir com o grupo externo. O grupo interno é formado por indivíduos com um

⁷ <https://www.justice.gov/usao-md/pr/christopher-hasson-sentenced-more-13-years-federal-prison-federal-charges-illegal>

conjunto compartilhado de crenças, traços ou práticas. Antes do extremismo, um indivíduo pode ver um grupo externo de forma neutra, mas uma vez radicalizado, ele vê a si mesmo e ao grupo externo como inimigos, opostos e antagônicos (BERGER, 2018).

Quando isso acontece, esses indivíduos se tornam extremistas, ou seja, atores individuais cujas preferências políticas não são amplamente compartilhadas em sua própria sociedade e que não têm os meios ou o poder para atingir seus objetivos (LAKE, 2002, p. 16). Mesmo que tenham um conjunto comum de crenças compartilhadas, eles se diferenciam do resto da população usando violência ou outras medidas extremas. No entanto, embora muitos possam ser atraídos pela ideologia extremista, isso não significa necessariamente que esses indivíduos sejam extremistas violentos, ou seja, aqueles que usam atos de violência que são justificados por, ou associados a, uma ideologia religiosa, social ou política extrema (OSCE 2018, p. 18).

Para os extremistas, a linha divisória entre os grupos internos e externos costuma ser as linhas de identidade do grupo, como nacionalismo, religião ou etnia. A ideologia extremista pode ditar uma ampla gama de crenças e valores, desde a separação de gêneros até ideias muito mais retoricamente violentas, como a supremacia racial (BORUM, 2011). Com frequência, as categorias extremistas se sobrepõem e acabam se auto reforçando, como o emparelhamento de uma religião com uma identidade nacional ou a adoção de princípios antigovernamentais por racistas (BERGER, 2018). No entanto, diferenças entre o grupo interno e externo podem se tornar embaçadas e mudar com o tempo.

Extremistas também abrangem o espectro ideológico, desde ambientalistas que destroem indústrias ou plantações geneticamente modificadas até a violência religiosa (KIFNER, 1995). Entre os extremistas de direita, há uma variação de crenças, desde grupos anti-impostos e antigoverno encontradas nos Estados Unidos até as nações arianas ou outros grupos neonazistas da Europa. Alguns de seus componentes comuns são supremacia branca, antissemitismo e ódio racial (LAW, 2016, p. 306). Todos esses grupos fazem uma delimitação clara entre quem é o grupo interno e quem é o grupo externo.

2.2.4. Radicalização

Os terroristas analisados neste estudo chegaram a essas visões extremistas por meio da radicalização, entendido por Borum (2011) como o processo de desenvolvimento de ideologias e crenças extremistas. Breivik passou anos online em sites extremistas antes de realizar seu ataque em Oslo e *Utøya*, onde reuniu ideias para seu manifesto (RAVNDAL, 2013; SEIERSTAD, 2016).

O processo de radicalização, tanto para um extremista quanto para um extremista violento, pode ocorrer de várias maneiras e por diferentes razões. Para a maioria, os indivíduos são radicalizados na adolescência ou juventude (início dos vinte anos), quando suas identidades e visões de mundo estão em formação. No passado, muitos extremistas de direita se radicalizaram após a guerra do Vietnã devido ao mal tratamento que os soldados receberam ao retornar desta guerra (BELEW, 2018; *National Center for the Analysis of Violent Crime*, 2019).

Atualmente, os adolescentes estão expostos a ideologias radicais online por meio de literatura e vídeos recomendados por sites como o *YouTube*, criando uma perigosa rampa de acesso ao extremismo (ROOSE, 2019; TUFEKCI, 2018). Isso mudou fundamentalmente a forma como os indivíduos são radicalizados. Eles não enfrentam mais resistência da sociedade para expressar pontos de vista marginais, em vez disso, têm seus pontos de vista reforçados por indivíduos com ideias semelhantes online, potencializado por algoritmos que atraem semelhantes e criam bolhas. Este ambiente facilitado pela Internet permitiu que lobos solitários como Dylann Roof nunca precisassem encontrar outro ativista para ser radicalizado pelo movimento do poder branco (BELEW, 2018).

A radicalização em direção ao extremismo violento é um processo que acontece quando as atitudes negativas em relação aos grupos externos ficam mais intensas até que o conflito percebido entre o grupo interno e externo se torna tão urgente que a ação hostil se torna obrigatória e eventualmente leva à violência (BERGER, 2018). Essa transição para a visão de que a violência é uma necessidade é o que diferencia os extremistas violentos dos extremistas (STEPHENS; SIECKELINCK; BOUTELLIER, 2018). Muitos extremistas nunca adotam a violência e se contentam com atos “menos prejudiciais”, como discriminação ou racismo contra um grupo externo (BERGER, 2018).

Os indivíduos são atraídos para a ideologia extremista e a radicalização por uma série de razões. Alguns estão menos interessados na ideologia real e podem ser atraídos pela camaradagem de grupos ou ideologias extremistas. Grupos como a *Klan* ou de supremacia branca atraem membros ao oferecer os prazeres da camaradagem masculina (BELEW, 2018, p. 94). Ademais, muitos grupos simplesmente atraem pessoas vulneráveis emocionalmente. O grupo neonazista *Atomwaffen* tem se concentrado em recrutar veteranos desiludidos que retornaram de guerras impopulares animados por um grau de niilismo (THOMPSON, 2018). Outros são atraídos para grupos após experiências traumáticas ou dificuldades, como a morte de um ente querido ou perda de emprego, o que pode criar uma necessidade de identidade que é preenchida por narrativas ou causas extremistas (National Academy of Sciences, 2017). Outras razões podem ser apolíticas. Os indivíduos adotam ideologias extremistas por causa de

queixas pessoais contra o grupo externo ou porque amigos ou família fazem parte do grupo interno ou por causa da emoção ou status associado ao grupo interno (MCCAULEY; MOSKALENKO, 2014, p. 72).

Os terroristas modernos podem nem sempre pertencer a um grupo terrorista que possa ser claramente nomeado. Entretanto, a sua radicalização ocorre no ambiente social em que vivem. A Internet e as redes sociais permitem aos terroristas formas sem precedentes de se relacionarem globalmente e a capacidade de propagarem suas ideologias. Relacionamentos reais são substituídos por relacionamentos virtuais. Deste modo, interações online têm consequências reais. O terrorismo não é algo que você faz sozinho, é altamente social. Pessoas se interessam por ideias, ideologias e atividades, mesmo as mais terríveis, porque outras pessoas se interessam por elas, e os perpetradores muitas vezes querem se tornar famosos e inspirar imitadores (*copycats*) (BURKE, 2017).

Terroristas são produtos de seu tempo. Com o aumento da intolerância que se estabeleceu nos últimos anos como uma tendência social global, alimentada por um discurso político que está se tornando cada vez mais populista. O anseio por respostas simples polariza estranhos e aqueles com pontos de vista diferentes rapidamente se tornam inimigos. O extremismo está se enraizando na sociedade, uma tendência que é reforçada com a digitalização da vida humana. É um erro acreditar que teoria do lobo solitário implica que a responsabilidade pelo extremismo violento de um indivíduo é responsabilidade exclusiva do próprio indivíduo (BURKE, 2017).

2.3. O poder dos manifestos

Como a maioria dos ataques de extrema direita é realizada por lobos solitários e estas pessoas acreditam que não sobreviverão ao ataque ou serão capturadas, os manifestos servem como um testamento em vida (declarações públicas) que fornece um argumento plausível que justificaria os atos extremos (motivos), serviria de propaganda atraindo atenção para a causa ou incentivaria outras pessoas a praticar novos atentados.

Nos últimos anos, vários ataques terroristas de extrema direita perpetrados por lobos solitários ou atribuído a grupos extremistas foram acompanhados por manifestos detalhados, publicados na Internet, que descrevem a ideologia, a motivação e as escolhas táticas para execução dos ataques. O sucesso do terrorismo é medido em grande parte por seu alcance. Desta forma, estes manifestos passam a ser parte essencial da violência de extrema direita (WARE, 2020).

Os manifestos costumam servir de inspiração para simpatizantes ideológicos, violentos e não violentos, o que Macklin (2019b) chama de natureza autorreferencial do terrorismo de extrema direita. Para ele, terroristas de extrema direita reverenciam seus predecessores e são motivados a atacar, em grande parte, por seus “heróis”. Este ecossistema digital está alimentando um impulso cumulativo, que serve para diminuir os limiares de violência para aqueles que estão envolvidos neste espaço, tanto nos Estados Unidos como em outros lugares, quando um ataque encoraja e inspira outro, criando um cânone crescente de santos e mártires para outros imitarem. O autor destaca também que os atacantes de extrema direita de hoje têm esperança de sobreviver aos seus ataques para contar seu lado da história e incitar os camaradas ideológicos à ação. O que Breivik acreditava ser a mais uma batalha de sua guerra, durante seu julgamento (SEIERSTAD, 2016).

Para Campion (2019) a ideologia de extrema direita fornece aos extremistas uma visão de mundo abrangente que contextualiza suas experiências, explica a ordem existente, glorifica um futuro desejável e fornece uma premissa para a ação. Por esse motivo, a ideologia é entendida como um motivador inerente a todos os terroristas e molda seus comportamentos e ações futuras. A ideologia de extrema direita é antidemocrática, acreditando que democracia é disfuncional e opressora. O conceito de igualdade muitas vezes rejeitado com base na identidade étnica, que se traduz em nacionalismo excludente. O futuro desejável é autoritário, com um Estado forte onde o coletivo supera as liberdades individuais. Os manifestos de extrema direita reforçam em linhas gerais essa visão de mundo.

Existe um efeito potencializador na combinação de palavras e ação, e com os manifestos, lobos solitários procuram conduzir seus leitores pelo mesmo processo autodidático que os levou a agir. Esses manifestos não são apenas tratados ideológicos, mas instrucionais e educativos. Eles descrevem um processo de despertar mental ao lado de preparações físicas práticas (BERGER, 2019a).

Como esses manifestos tem amplo alcance online, eles agem como uma força gravitacional que atrai curiosos para a mente do assassino. Um manifesto dá forma a uma narrativa explicativa de ações que parecem inexplicáveis, impondo um significado à violência que, de outra forma, poderia ser lembrada apenas como um ato sem sentido. Ao deixar um registro, terroristas procuram situar suas ações como motivadas por um propósito, e não por loucura (BERGER, 2019a).

O sucesso e o status de que gozam figuras como Kaczynski ou Breivik geram imitadores, não apenas de suas ações terroristas, mas de suas aspirações autorais. Terrorista que não deixam manifestos são menos cultuados por deixarem um vácuo explicativo. Nos fóruns de Internet de extrema direita, as ações daqueles que deixaram manifestos são mais glorificadas dos que simplesmente fizeram ataques e não deixaram nada (BERGER, 2019a).

O caso de Elliot Rodger é outro exemplo dessa atração dos manifestos. Em 2014, o californiano de 22 anos, matou 6 pessoas e feriu outras em um ataque com armas e facas antes de se matar. Elliot deixou para trás um documento de 141 páginas descrevendo sua vida e seus motivos, como um ataque vingativo no qual culpou “as mulheres” por seu fracasso sexual, virgindade e isolamento social. A maioria das pessoas ficou chocada e confusa com sua tentativa de justificar suas ações como uma resposta à frustração sexual, mas para alguns, suas palavras tinham um significado profundo. O manifesto de Elliot se espalhou por toda a Internet, dando origem à ideologia e subcultura conhecida como “Incel” (abreviação celibatário involuntário), um movimento misógino violento que resultou em dezenas de mortes mundo a fora, desde que seus escritos foram publicados. Elliot Rodger não inventou a misoginia, assim como Dylann Roof chegou tarde ao racismo e Anders Breivik ao preconceito religioso, mas o casamento de palavras com ação reforça antigos ódios (BERGER, 2019a; COTTEE, 2018).

Nas horas seguintes aos tiroteios em massa nas duas mesquitas de Christchurch, pessoas procuraram desesperadamente na Internet por qualquer sinal de um motivo ou significado por trás do ataque. Isto foi amplificado pela forma que foram feitas as filmagens do atentado, projetadas para obter o máximo de atenção online. O atirador transmitiu o ataque ao vivo no *Facebook* e o vídeo foi rapidamente compartilhado no *YouTube*, *Twitter* e *Instagram*. (LORENZ, 2019). Isto representa a gamificação do terror, reforçando uma narrativa de videogame, citado por Crusius em seu manifesto e como estética dominante em muitos ataques. Mais que isso, o manifesto de Tarrant é repleto de ironia, crítica oculta, memes e simbologia, o que atraiu ainda mais atenção, levando a crer que partes do manifesto foram escritas especificamente para maximizar seu impacto nos fóruns de discussão (WARE, 2020).

Terrorismo e manifestos não são novos para a experiência humana, mas ambos foram aprimorados pelo surgimento de novas condições e tecnologias que capacitam uma maior mortandade a cada ataque e públicos cada vez maiores e mais interativos, atraídos pelo efeito destruidor. Em uma época de saturação de notícias, os manifestos podem contribuir para o efeito imitador, uma teoria bem fundamentada que afirma que as pessoas irão praticar violência em padrões semelhantes à violência que veem. Um manifesto, como o de Breivik, que mescla

elementos operacionais e ideológicos, pode produzir uma cobertura de notícias muito mais longa e intensa do que um assassino em massa que não deixa explicação. Um manifesto atende ao nosso desejo humano instintivo de buscar a origem de tais horrores, mas essa busca por compreensão pode exacerbar o problema (BERGER, 2019a).

Manifestos tem um poder infinito para atração de imitadores. O atirador do shopping de Munique, David Sonboly, matou 9 pessoas e feriu outras 36 no quinto aniversário do ataque de Breivik (2016). Como muitos que seguiram os passos de Breivik, Sonboly deixou um manifesto em seu computador, embora não o tenha postado online (LORENZ, 2019).

Para Ware (2020) manifestos terroristas de extrema direita destacam temas como raça, Europa, clima político e a representação do ato de terrorismo como legítima defesa e último recurso. Assim os manifestos invocam raça, imigração e religião, sugerindo que existe um choque entre raças e civilizações. A maioria dos manifestos acreditam na preservação da cultura europeia ocidental como um objetivo fundamental. Os manifestos recentes deixaram de ter justificativas puramente raciais, reforçando o status da Europa como epicentro histórico da cultura e dos valores ocidentais a serem preservados.

Os manifestos de hoje fazem referência ao discurso político em andamento, muitas vezes até incorporando terminologia empregada por partidos políticos estabelecidos. A profunda politização dos manifestos terroristas sustenta que os perpetradores não devem ser simplesmente considerados irracionais ou suicidas, mas calculistas e estratégicos. Os terroristas de extrema direita mostram grande conhecimento de eventos políticos atuais, tanto dentro de seu país como em todo o mundo. Os manifestos retratam os atos terroristas como de legítima defesa e como último recurso. Os terroristas gostam de se ver como “heróis” de uma classe oprimida (WARE, 2020).

Ware (2020) destaca ainda que manifestos são uma lição importante para os políticos de hoje por envolver questões retóricas. Conforme mencionado, cada um dos agressores dos manifestos analisados estava profundamente ciente do discurso político em andamento e procurava invocá-lo em suas obras, assim como outros terrorista de extrema direita. Isso sugere que os eventos que ocorrem no espaço público, principalmente aqueles com profunda polarização, impactam a ideologia e as ações extremistas.

Os manifestos também fornecem evidências de que o movimento de extrema direita está se tornando cada vez mais transnacional. Um manifesto publicado por um *contrajihadista* norueguês inspirou um fanático anti-imigração australiano, cujo discurso, por sua vez, inspirou

um supremacista branco texano. Extremistas de direita de todo o mundo veneram a Europa como uma pátria cultural e racial que precisa urgentemente de proteção (WARE, 2020).

Outra questão relevante levantada por Ware (2020) a ser evidenciada nos manifestos é a obsessão com teorias da conspiração, sugerindo quase sempre que o mundo ocidental atualmente está sob ataque deliberado. Essas teorias intituladas “genocídio branco” ou “grande substituição”, são teorias dominantes na extrema direita, que frequentemente afirmam que a imigração é um estratagema deliberado, orquestrado por um governo sionista global, ocupado em erradicar a raça branca. Da mesma forma, as chamadas altas taxas de natalidade dos imigrantes representam outra preocupação central nos três manifestos.

Para Schwartzburg (2019) a teoria da substituição branca motiva os assassinos da extrema direita em todo o mundo. Para ela, mais da metade dos chamados “assassinos de direita alternativa” são motivados pela teoria da “substituição de brancos”, que se refere à crença de que os brancos serão sistematicamente substituídos por imigrantes negros e pardos.

A teoria da substituição dos brancos é na verdade composta por duas subconspirações: a teoria da “grande substituição”, que se originou na França, e “a teoria do genocídio dos brancos”, que vem dos Estados Unidos. Juntas, as teorias estão entre as ideologias mais difundidas em espaços de extrema direita e são os principais catalisadores da violência em massa de extrema direita (SCHWARTZBURG, 2019).

A grande substituição geralmente pode ser entendida como duas crenças centrais. A primeira é que a identidade ocidental está sob cerco, por ondas massivas de imigração de países não europeus e não brancos, resultando em uma substituição de indivíduos europeus brancos por meio da demografia. A segunda é que a substituição foi orquestrada por um grupo sombrio, como parte de seu grande plano para governar o mundo, criando uma sociedade completamente heterogênea racialmente. Este grupo é frequentemente identificado como de judeus, mas às vezes o antissemitismo é implícito (SCHWARTZBURG, 2019).

Essas crenças sobejam em textos de assassinos em massa na última década. Eles geralmente são considerados como tendo iniciado com Breivik que expressou o medo de substituição étnica branca por imigrantes do Oriente Médio e do Norte da África, notadamente mulçumanos. Esse mesmo medo surgiu nos manifestos de vários outros assassinos em massa na Europa e Estados Unidos (SCHWARTZBURG, 2019).

Apesar da popularização recente, a teoria da grande substituição foi difundida pela primeira vez no romance *Le Camp des Saints* (1985) (O acampamento dos santos) de 1973, de Jean Raspail, um livro muito influente no discurso contemporâneo de supremacia branca. Nesta obra diatópica, Raspail pinta um quadro apocalíptico, onde ocorre o colapso total de toda sociedade e cultura ocidentais decorrentes de uma onda de imigração vinda do Terceiro Mundo. Ao longo do século XX, a teoria proliferou em diferentes espaços de supremacia branca. Em 2010, a teoria da grande substituição realmente decolou (SCHWARTZBURG, 2019).

O romancista francês, teórico da conspiração e escritor nacionalista branco Renard Camus popularizou o termo em seu livro *Le Grand Remplacement* (2012), alertando para a substituição dos europeus brancos por povos vindos do Oriente Médio e do Norte da África. Este é o texto que influencia muito do discurso da supremacia branca que vemos hoje e alimenta o crescente movimento identitário em todo o mundo. Os identitários defendem um mundo étnica e racialmente homogêneo. Eles acreditam que a mistura racial (sexo e reprodução interracial) enfraquece a estrutura de sociedade e é uma ameaça iminente à estabilidade das nações ocidentais de maioria branca, assim como do mundo (SCHWARTZBURG, 2019).

Para Schwartzburg (2019) as duas teorias estão convergindo. À medida que a teoria da substituição dos brancos se propaga online, o mesmo acontece com a crença em uma identidade europeia branca abrangente que precisa ser salva. Esta não é uma conspiração puramente baseada nos Estados Unidos ou Europa, mas sim um chamado às armas para proteger o que é visto como a raça branca em um nível transnacional. Para a autora, o medo generalizado da substituição étnica, se adequa ao contexto do lugar em que está presente. Assim como na Europa e Oceania este medo é representado pela imigração mulçumana vinda do Norte da África, Oriente Médio e Ásia, principalmente de negros e pardos. Nos Estados Unidos, esse medo de substituição étnica é representado pelos imigrantes do México, América do Central ou do Sul. A grande substituição, tornou muito mais mortal, a epidemia de tiroteios em massa, nos Estados Unidos, 251 apenas em 2019, potencializado pela facilidade de acesso a armas.

Para Campion (2019), as narrativas da extrema direita exposta em manifestos enfocam a ameaça a identidade e sociedade branca. Atualmente, a narrativa dominante é da substituição étnica branca, ou seja, o medo de que a raça branca seja substituída por imigrantes e miscigenação. A extrema direita teme que a substituição já esteja em andamento. Como uma teoria conspiratória, a crença dominante é que ativistas de esquerda e judeus usam o multiculturalismo e a diversidade como armas para apagar a raça e a cultura branca.

3 ESTUDOS DE CASO

3.1. Breivik e seu manifesto

Em 22 de julho de 2011, Anders Behring Breivik, norueguês de 32 anos, promoveu um atentado a bomba no centro de Oslo, Noruega, seguido por um tiroteio em massa na pequena ilha de *Utøya*, a 40 km da capital norueguesa (rodovia). Este é, até hoje, o principal ato de terror doméstico, perpetrado por um lobo solitário, ocorrido na Europa, promovido por alguém vinculado a extrema direita. Breivik matou 69 pessoas a tiros na ilha, e outras oito foram mortas pela bomba em Oslo; 151 pessoas ficaram feridas nos ataques, muitas delas com sequelas físicas permanentes, além dos danos emocionais causados aos sobreviventes. O ataque em *Utøya* durou 72 minutos até a rendição de Breivik as forças policiais (*UTØYA* 22 Juli, 2018; 22 JULY, 2018). O acampamento atacado por Breivik em *Utøya* abrigava um encontro da Liga da Juventude Trabalhista (AUF em norueguês), vinculada ao Partido Trabalhista Norueguês (social-democrata) e suas vítimas em sua grande maioria eram apenas jovens e adolescentes (SEIERSTAD, 2016).

Duas horas antes da explosão em Oslo, Breivik utilizando o *Facebook* e *e-mail* enviou a cerca de 1.000 pessoas ao redor do mundo, que seriam simpáticas à sua causa, uma cópia de um documento que ficou conhecido como seu manifesto: *2083 - A European Declaration of Independence* (BERWICK, 2011). Ele também postou seu manifesto no fórum de extrema direita do *Stormfront*. O manifesto é um documento com 1.518 páginas, amplamente disponível na Internet, que fornece uma clara perspectiva daquilo que Breivik acredita ser sua visão do Mundo e da Europa, um diário de seus preparativos para os ataques, descrições detalhadas de seu estado mental, um pacote de mídia com fotos encenadas para o “evento” como resposta a atenção imediata que ele atrairia da mídia mundial após o atentado, um manual técnico sobre como construir bombas e selecionar armas para atacar os “inimigos” (SEIERSTAD, 2016).

O manifesto também possuía grande quantidade de material de outros autores e partes plagiadas, incluindo Ted Kaczynski e William Lind. O subtítulo do compêndio, “Uma Declaração de Independência Europeia” e seus ensaios foram retirados de publicações de *Fjordman*, um blogueiro norueguês de direita que Breivik nunca conheceu. *Fjordman*, é conhecido como o “profeta das trevas da Noruega” (SEIERSTAD, 2016). Como Breivik acreditava que não iria sobreviver ao ataque, ele teria deixado o manifesto como um memorial explicativo que justificaria seus atos. As análises políticas e os argumentos expostos no

manifesto teriam como objetivo demonstrar sua motivação política para execução dos atentados (ARCHER, 2013, p. 169-170). Mesmo sendo classificado como “louco”, com esquizofrenia paranoide, por peritos durante seu julgamento, e que muito do que está escrito no manifesto não tenha conexão com a realidade é importante destacar os pontos centrais da mentalidade breivikiana (BANGSTAD, 2014; SEIERSTAD, 2016).

Para Breivik existe o medo de que o Islã esteja dominando a Europa, e que as elites europeias, principalmente aquelas de tradições liberais e de esquerda, sejam cúmplices na suposta rendição do continente ao que ele acredita ser uma cultura e tradição religiosa alienígena. Essas crenças são chamadas por muitos membros da extrema direita europeia de a “*contrajihad*” para confrontar a grande substituição promovida pela imigração em massa, principalmente de pessoas de religião islâmica e o multiculturalismo. Essas ideias não são originais de Breivik. Assim, boa parte de seu manifesto consiste na cópia da obra de vários escritores que sustentam essa visão de mundo contra os muçulmanos e imigrantes. As influências da ideologia da *contrajihad* são também visíveis na política eleitoral de muitos países europeus e fornecem uma pauta unificada para partidos populistas da direita europeia. Existem também movimentos e grupos políticos que promovem esta ideologia na Europa e fora dela. A *contrajihad* revigorou a política anti-imigração ao evitar o racismo intrínseco da extrema direita substituindo por um discurso político crítico sobre o Islã e os muçulmanos (ARCHER, 2013, p. 170-171).

Breivik acredita que a *contrajihad* é uma nova forma da direita lutar contra o Islã, os “marxistas culturais” e neonazistas. Breivik que se reconhece como um nacionalista, em seu manifesto fala daquilo que ele chama de “Escola de Viena”, e argumenta que ela se opõe ao racismo, fascismo, nazismo e totalitarismo (BERWICK, 2011, p. 1236). A escola de Viena seria uma antítese da Escola de Frankfurt, que através da teoria crítica dava uma nova interpretação do marxismo. Para Breivik as elites internacionais: marxistas culturais, humanistas suicidas, globalistas e feministas são os novos nazistas e colaboram deliberadamente com os muçulmanos (BERWICK, 2011, p. 1293). Breivik utilizou em forma de plágio um folheto atribuído a William Lind de como o politicamente correto e o “marxismo cultural” são produto da Escola de Frankfurt. A Escola de Frankfurt sempre foi terreno fértil para as teorias de conspiração da extrema direita e Breivik acredita que ela seria a fonte do que ele vê como a traição da Europa por seus próprios líderes, descrevendo seus “inimigos” não muçulmanos como “marxistas culturais” e igualando aos “multiculturalistas”. Da mesma forma, Breivik acredita que a Escola de Frankfurt é uma obra do comunismo (ARCHER, 2013, p. 171-173).

Isto tudo pode ser encontrado em seu manifesto nas páginas introdutórias. Breivik assina o documento como Comandante Justiciero dos Cavaleiros Templários Europeus e um dos líderes do Movimento de Resistência Patriótica Nacional e Pan-Europeu (BERWICK, 2011, p. 16).

O manifesto de Breivik pode ser dividido em três partes distintas (livros). Ele teria sido escrito durante sete anos, antes e durante a preparação do atentado e sua maior fonte de inspiração foi a própria Internet. O manifesto é todo pontuado por endereços de sites, seja para compras de componentes para explosivos caseiros e guias de como fazê-los, seja das fontes de pesquisa da base ideológica do pensamento de extrema direita (BERWICK, 2011).

O compêndio é escrito em um estilo didático da perspectiva da primeira pessoa para o leitor, embora a segunda pessoa também possa ser Breivik se dirigindo a si mesmo em um monólogo interno. Independentemente disso, o manifesto é um texto instrutivo destinado a guiar seus leitores através do processo de autoeducação que levou Breivik a radicalização (KALDOR, 2021).

O primeiro livro (introdução) aprofunda críticas ao multiculturalismo e marxismo cultural, através de um revisionismo histórico onde faz críticas aos governos, as instituições de ensino e a imprensa que estariam escondendo da população a invasão Europeia orquestrada pelo Islã (MEDEIROS; VALENTE, 2011).

No segundo livro, Breivik expõe e analisa o que seriam os problemas da Europa atual, mais uma vez fundamentados na onda migratória proveniente do Oriente. Descreve quais seriam as razões e causas da colonização islâmica e a partir disso, da islamização do território europeu. Para Breivik o multiculturalismo é a causa de todos os males europeus. Ainda nesta parte do documento Breivik exalta a necessidade da consolidação e união dos grupos conservadores na Europa, começando pela exposição de uma estratégia para combater o que qualifica como inimigo e apresentando possíveis soluções, como a deportação dos imigrantes muçulmanos (MEDEIROS; VALENTE, 2011).

No terceiro livro, onde faz previsões sombrias, Breivik propõe respostas à ameaça representada pelo Islã, caso venha se tornar dominante. Ele constrói um cenário de guerra onde grupos de resistência nacionalista poderão se estruturar e agir para proteger a Europa de ser tomada pelos muçulmanos. É nesta passagem do manifesto que ele revela a possibilidade da continuidade destas ações por meio de seus seguidores. Breivik esclarece que o seu manifesto traz todas as ferramentas necessárias para vencer a guerra contra o multiculturalismo e que o documento é de sua total responsabilidade, já que faz uso de estudos e citações de autores e

filósofos conhecidos. Breivik faz longas citações a respeito do mal causado pela miscigenação em diversas regiões, incluindo o Brasil⁸ (MEDEIROS; VALENTE, 2011).

Breivik também descreve táticas de guerrilha e de organização política. Fornece orientações práticas de como usar a Internet como arma de divulgação e propaganda, de como se comportar para despistar suspeitas de terceiros e evitar forças policiais, de como levantar fundos ou conseguir armas e explosivos, construir bombas, realizar ataques biológicos e evitar acusações legais de racismo e preconceito. O manifesto termina com a descrição, passo a passo, em forma de diário detalhado, dos preparativos para os ataques a Oslo e *Utøya* tornando-se um manual prático para ação terrorista (MEDEIROS; VALENTE, 2011; SEIERSTAD, 2016).

O título do terceiro livro do manifesto, “Uma Declaração de Guerra Preventiva”, mostra o interesse de Breivik pelas ações bélicas e a total crença de que existe uma ameaça real que precisa ser combatida. Desta forma Breivik acredita na guerra preemptiva, que por definição, é aquela que empreendida quando da existência de provas que um ataque inimigo é iminente. Neste caso, o Estado tem a certeza de que é alvo de uma ameaça e, em nome da defesa, ataca primeiro quem o iria atacar. Para Breivik, o século XXI, que apenas entrou na segunda década, caminha para um desfecho odioso. Deste modo, existe a necessidade de preempção por parte do que ele chama de verdadeiros europeus contra a invasão Islâmica (MEDEIROS; VALENTE, 2011).

Apesar de Breivik demonstrar em todo manifesto sua aversão ao Islã como alvo principal, ele dirige seu ataque aos multiculturalistas e as instituições que acredita representarem. Pra Breivik, o Partido Trabalhista da Noruega é o principal traidor a ser eliminado em seu país por permitir a invasão islâmica, e está é a justificativa plausível utilizada quando decide atacar a sede do Governo Norueguês em Oslo e o encontro da Juventude do Partido Trabalhista em *Utøya* (SEIERSTAD, 2016).

O manifesto de Breivik é uma declaração de guerra, resumida no último parágrafo da sua declaração de independência europeia: “Se as demandas não forem totalmente implementadas, se a União Europeia não for completamente desmantelada, se o multiculturalismo não for rejeitado e a imigração muçulmana não parar, nós, cidadãos da Europa, não teremos outra escolha a não ser concluir que nossas autoridades nos abandonaram, que as taxas que pagamos são injustas e as leis que foram aprovadas sem nosso consentimento

⁸ <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/em-manifesto-atirador-cita-brasil-como-exemplo-catastrofico,9b58162f512ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

são ilegítimas. Vamos parar de pagar impostos e tomaremos as medidas necessárias para nos proteger e assegurar nossa sobrevivência nacional” (BERWICK, 2011, p. 722).

3.2. Tarrant e seu manifesto

Em 15 de março de 2019, Brenton Tarrant, australiano de 29 anos, sem antecedentes criminais e frequentador ativo em fóruns de extrema direita na Internet, alvejou a sangue frio, utilizando armamento semiautomático, quase uma centena de muçulmanos em duas mesquitas próximas uma da outra na cidade neozelandesa de Christchurch. Em 36 minutos, Tarrant matou 51 pessoas e feriu outras 40. Ele planejou minuciosamente o atentado por dois anos, que foi realizado no dia da *Salat* (prece muçumana das sextas-feiras). Tarrant utilizou tecnologia para reconhecer os locais com drones e vídeos no *Youtube*⁹ para reconhecer internamente as mesquitas. Vinte minutos antes do ataque a primeira mesquita, Tarrant utilizou o fórum do *8chan* para informar que iria realizar o atentado disponibilizando um link da sua conta pessoal do *Facebook*. Por 17 minutos Tarrant transmitiu o atentado ao vivo no *Facebook live*, da câmera de seu capacete, dando uma perspectiva como em um jogo de tiro em primeira pessoa, confrontando o calcanhar de Aquiles das redes sociais quando confrontadas sobre a disseminação viral de conteúdo extremista violento (MACKLIN, 2019a).

O vídeo do atentado perpetrado por Tarrant circula até hoje na Internet apesar da tentativa de derrubada em redes sociais e em plataformas de compartilhamento. A tecnologia digital foi um componente integral do ataque de Tarrant. O vídeo era tanto um meio para a sua mensagem como era a própria mensagem, mais do que o seu manifesto. Para Burke (2019) o ponto central de seu ataque não foi apenas matar muçulmanos, mas fazer um vídeo de alguém matando muçulmanos. Terrorismo como teatro tornou-se terrorismo como videogame. A gamificação do terror não é uma novidade, *ihadistas* do Estados Islâmico a usaram extensivamente. (MACKLIN, 2019a).

Embora o uso da tecnologia de *livestreaming* por Tarrant indicasse uma migração de táticas de propaganda do *ihadismo* para a extrema direita, sua adoção já estava germinando há algum tempo. Breivik, nos estágios iniciais de seu planejamento de ataque, originalmente tinha a intenção de decapitar a ex-primeira-ministra da Noruega *Gro Harlem Brundtland* na ilha de *Utøya*. Breivik desejava filmar o assassinato usando um *iPhone* e enviar as imagens

⁹ <https://olhardigital.com.br/2020/08/27/noticias/autor-de-atentado-a-mesquitas-usou-drone-para-ato-na-nova-zelandia/>

para o *YouTube*, mas seu plano parou quando ele não conseguiu comprar o *iPhone*, e seu ataque não coincidiu com a visita da chefe histórica do partido trabalhista norueguês que foi a ilha de *Utøya* um dia antes dos atentados (MACKLIN, 2019a; SEIERSTAD, 2016).

Ao filmar sua violência e postá-la online, Tarrant entendeu intuitivamente que a tecnologia digital iria amplificar sua mensagem, garantindo projeção, muito além dos fóruns obscuros do *8chan*. Menos de 200 pessoas assistiram ao atentado durante a transmissão ao vivo. Nenhum desses indivíduos relatou o vídeo ao *Facebook*, que recebeu a primeira queixa de um usuário 29 minutos após o início do vídeo e 12 minutos após o término da transmissão ao vivo. Incluindo as visualizações que a transmissão ao vivo recebeu, o vídeo foi visto aproximadamente 4.000 vezes antes de o *Facebook* removê-lo de seu site. O massacre da Nova Zelândia foi transmitido ao vivo no *Facebook*, anunciado no *8chan*, republicado no *YouTube*, comentado no *Reddit* e espelhado em todo o mundo antes mesmo que as empresas de tecnologia pudessem reagir (MACKLIN, 2019a).

No total, o *Facebook* removeu cerca de 1,5 milhão de vídeos do ataque globalmente nas primeiras 24 horas, bloqueando 1,2 milhão de tentativas automaticamente no momento do *upload* e, assim, impedindo sua exibição. 300 mil cópias adicionais foram removidas após serem postadas. O *YouTube* também ficou sobrecarregado quando os usuários recortavam ou editavam as imagens dos assassinatos em uma tentativa de superar os sistemas de detecção da plataforma. O Fórum Global da Internet para Contra o Terrorismo¹⁰ disse existir mais de 800 versões distintas do vídeo de Tarrant. O *YouTube* teve de lidar com o incremento da escala do tráfego, uma vez que dezenas de milhares de vídeos do atentado foram carregados na plataforma, a uma taxa de um por segundo, nas horas posteriores ao atentado. Além de encerrar centenas de contas usadas para glorificar o atirador, o *Google* deu um passo sem precedentes ao desativar temporariamente várias funções de pesquisa na tentativa de limitar a capacidade de descobrir e visualizar o vídeo enquanto suas equipes trabalhavam para removê-lo (MACKLIN, 2019a).

Mais que o vídeo viral dos ataques, Tarrant também produziu um manifesto de 74 páginas que foi compartilhado minutos antes do ataque via sites de compartilhamento e armazenamento de arquivos, *e-mail*, *Facebook* e *Twitter* e *8chan*. O terrorista inclusive enviou *e-mails* para autoridades neozelandesas informando da eminência do ataque, entre elas à Primeira Ministra Jacinta Ardern. Até aquele momento, a Nova Zelândia havia vivenciado o terrorismo como uma ameaça latente até sofrer aquele que foi o maior atentado com perda de

¹⁰ <https://gifct.org>

vidas humanas em sua história. Este também foi o pior tiroteio em massa daquele país dos últimos 30 anos. Tarrant tinha como objetivo adicional atacar uma terceira mesquita e em seu carro foi encontrado um dispositivo incendiário improvisado (MACKLIN, 2019a).

No momento de sua prisão, ele possuía cinco armas, incluindo duas armas semiautomáticas, duas espingardas e uma arma de fogo de ação por alavanca. Quatro das armas foram compradas por meio de um processo de encomenda postal online verificado pela polícia neozelandesa. Tarrant rabiscou numerosas referências históricas, políticas e nazifascistas nessas armas. As armas foram obtidas legalmente. Ele modificou ilegalmente pelo menos um dos rifles semiautomáticos em uma arma militar (automática) de forma a comportar pentes de alta capacidade (100 munições) em vez do limite legal de sete munições permitida para armas de fogo licenciadas para espingardas esportivas (MACKLIN, 2019a).

Apesar de não existir uma interpretação convergente do manifesto de Tarrant, nele é possível ver uma versão da *contrajihad* misturada com elementos nazifascistas como as “14 palavras” de David Lane¹¹ e cultura de meme (sarcasmo) da Internet. Tarrant declara que sua única inspiração foi o “Cavaleiro Justiceiro” Breivik e sua ordem secreta, os “*Knights Justiciar*”. Tarrant afirmou fantasiosamente que havia contatado a organização que Breivik alegou ter fundado, e que uma bênção em apoio ao ataque foi dada. Isso provavelmente não era verdade. A organização dos Cavaleiros Templários é uma invenção da imaginação de Breivik, e dado o rígido controle das autoridades da prisão norueguesa sobre sua correspondência com o mundo exterior, havia poucas chances de Tarrant ter interagido com seu ídolo, embora seja possível que ele tenha escrito para ele. Havia semelhanças e diferenças nos dois ataques, sugerindo que Tarrant teria estudado o *modus operandi* de Breivik e aprendido com ele (MACKLIN, 2019a).

Utilizando uma estrutura semelhante ao manifesto de Breivik, o manifesto de Tarrant contém uma entrevista fictícia que é um relato autobiográfico de seu despertar político e trajetória pessoal em direção ao terrorismo, métodos e estratégias para ataques futuros, interpretação alternativa de fatos históricos e um resumo de sua ideologia. O manifesto é curto, com design amigável, com fontes maiores e muitas páginas são resumidas em letras maiúsculas. Tarrant parece ter vários públicos em mente: jornalistas que procuram entender as motivações por trás do ataque; convertidos em potencial; e a multidão online avida por explicações. O texto

¹¹ “*We must secure the existence of our people and a future for white children*” seguida de (e menos usado) slogan: “*Because the beauty of the White Aryan woman must not perish from the earth*”. <https://slate.com/news-and-politics/2008/10/14-and-88-why-white-supremacists-love-the-numbers.html>

de Tarrant é cheio de armadilhas de desinformação, ironias para distrair leitores desavisados e frustrar tentativas de interpretação, como a referência de Tarrant à personalidade de extrema direita estadunidense Candace Owens¹² como a fonte de sua radicalização. O manifesto também está cheio de piadas internas e referências a cultura de Internet como o jogo “*Spyro the Dragon 3*” que lhe ensinou o “etnonacionalismo” ou o “*Fortnite*” lhe ensinou a ser um assassino e fazer “dancinha” (*floss dance*) sobre os corpos de seus inimigos. As frases de Tarrant parecem ser dirigidas para o entretenimento da sua comunidade extremista no *8chan* e grupos nos guetos da Internet. O estilo irônico, no entanto, é sustentado por um grito urgente e raivoso para que outros sigam seus passos (KALDOR, 2021; MACKLIN, 2019a).

No manifesto é possível encontrar termos comuns ao ideário da extrema direita como o genocídio branco e o próprio título do manifesto, a grande substituição, é uma declaração racista, anti-imigratória e xenófoba que lista a ameaça da imigração como elemento de substituição a raça branca católica. A escolha dos alvos seguiu a lógica da luta contra o Islã e sua propagação pelo mundo. Da mesma forma, Tarrant (2019) declara que estaria se vingando dos ataques terroristas promovidos pelos *jihadistas*, entre tantas outras pautas da direita como o direito as armas e a contrariedade ao multiculturalismo na Europa (MACKLIN, 2019a).

Em seu manifesto, Tarrant se descreve como um homem branco comum, de 28 anos, nascido na Austrália em uma família de baixa renda da classe trabalhadora e de descendência europeia (escocesa, irlandesa e inglesa). Para Tarrant suas ações seriam a garantia da sobrevivência de seu povo e do futuro das crianças brancas (14 palavras). Tarrant chama os mulçumanos de invasores e disse que em 2017 pode constatar essa verdade durante uma viagem ao leste europeu, França, Itália e Portugal. Um dos objetivos estratégicos de Tarrant, delineado em seu manifesto, era “incitar a violência, a retaliação e ainda mais a divisão entre o povo europeu e os invasores (mulçumanos) que atualmente ocupam o solo europeu” (TARRANT, 2019).

Tarrant justifica seu massacre como resistência defensiva (uma ação contra uma força ocupante). Um ataque preventivo para desencadear uma conflagração racial muito mais ampla a fim de prevenir o genocídio branco acelerando o conflito étnico e racial enquanto as probabilidades ainda eram percebidas como favoráveis às populações de maioria branca (MACKLIN, 2019a).

¹² <https://twitter.com/realcandaceo>

Tarrant se estabeleceu na Nova Zelândia com o objetivo de morar temporariamente enquanto planejava e treinava seu ataque. No manifesto ele diz que a Nova Zelândia não era sua escolha original, mas que logo descobriu que era um alvo tão bom quanto qualquer outro lugar no ocidente. Além disso, ele acreditava que um ataque na Nova Zelândia chamaria a atenção para a verdade do “assalto a civilização ocidental” e que nenhum lugar do mundo estava seguro. Para ele, invasores estavam em todas as “nossas” terras, mesmo nas áreas mais remotas do mundo e que não havia para onde ir que fosse seguro e livre da imigração em massa (MACKLIN, 2019a).

Conforme destaca Hussain (2019) o manifesto se mostra perturbador e niilista, no qual a única esperança para um mundo sombrio e sem esperança é o assassinato em massa dos invasores. O manifesto de Tarrant parece uma versão abreviada, embora mais violenta, do popular livro de 2017 *“The Strange Death of Europe”*, do autor britânico Douglas Murray, que argumentou que a imigração já havia efetivamente destruído a sociedade europeia.

Uma das preocupações fundamentais do manifesto são as altas taxas de fertilidade dos invasores, deixando claro que todos os “imigrantes de alta fertilidade” são o inimigo, mas que ele escolheu como alvo os muçulmanos porque eles são o grupo de invasores mais desprezado do Ocidente e atacá-los receberia o maior nível de apoio e suporte. Desta forma, seu manifesto também é misógino com as mulheres brancas que não conseguiriam sustentar taxas de natalidades similares as dos invasores. Tarrant usando de uma lógica simplista, acredita que matar gente de cor reduzirá as taxas de natalidade o suficiente para que mesmo as baixas taxas de natalidade dos brancos pareçam de alguma forma (proporcionalmente) mais altas. (CHOHAN, 2019; HUSSAIN, 2019; TARRANT, 2019).

Chohan (2019) aponta as contradições do manifesto de Tarrant ao ressaltar que ele se identifica com uma causa nativista pan-europeia, mas reside na Austrália, uma terra dizimada pela ocupação branca europeia e pela violência brutal que exterminou nações inteiras (como os povos da Tasmânia) que não deixaram vestígios de sua existência.

Para Tarrant, matar muçulmanos é apenas a primeira etapa do plano que ele traça com objetivo final mudar a composição demográfica dos países ocidentais por meio de um programa mais geral de limpeza étnica que também visa negros, judeus e asiáticos. Em seu manifesto, Tarrant deixa claro que não tem problemas com os muçulmanos que vivem em sua própria terra natal, nem com os judeus, desde que vivam em Israel. Ele simplesmente os quer

fora do Ocidente e a forma como eles serão removidos é irrelevante: se pacificamente, se com uso da força, afirmando que eles devem ser removidos (HUSSAIN, 2019; TARRANT, 2019).

Toohey (2019) destaca que o manifesto é uma miríade de intolerância, ódio e medo profundo de que brancos estão enfrentando a extinção. Tarrant vaticina que a imigração em massa vai suprimir os direitos dos brancos, subverter as “nossas” nações, destruir “nossas” comunidades, destruir “nossos” vínculos étnicos, destruir “nossas” culturas, destruir “nosso” povo. Tarrant afirma que a imigração deve ser esmagada e os invasores devem ser deportados e que isto não é apenas uma questão de prosperidade, mas de sobrevivência do seu povo (branco europeu) (TARRANT, 2019).

Tarrant (2019) também glorifica o parlamentar britânico *Sir Oswald Ernald Mosley*, um dos líderes fascistas da extrema direita Inglesa do século XX. Em muitos momentos é possível perceber que Tarrant compara os mulçumanos a uma doença que se espalha pelo mundo, condenando a equidade de raças, o marxismo cultural e convocando outros a se unirem a sua causa.

Chohan (2019) observa que Tarrant “remendou” seu manifesto em duas semanas antes do ataque e que Tarrant disse existir um trabalho muito maior escrito, de 240 páginas longas, que falava sobre questões raciais e era mais aprofundado. Tarrant disse ter apagado em um momento de autocrítica. Entretanto, ele acreditava que suas ações falariam por si mesmas. O manifesto alternativo de Tarrant não teria sido encontrado pelas forças de segurança. Ele teria feito um esforço para apagar suas pegadas digitais (MACKLIN, 2019a).

Por fim, percebe-se que o manifesto é cheio de referências raciais que opõem o Islã ao Ocidente. Não por acaso, parte do manifesto e do simbolismo utilizado por Tarrant tem similaridades com os da Organização Australiana *United Patriotic Front*¹³ de supremacistas brancos, neonazistas, neofacistas e nacionalistas que se utilizam do ideário do patriotismo e liberdade para promover sua organização. Tarrant em seu manifesto classifica o ex-presidente estadunidense Donald Trump (2016-2020) como um símbolo renovado da identidade branca e do propósito comum da raça, mas não como líder (MACKLIN, 2019a).

¹³ <https://www.smh.com.au/politics/federal/how-australia-s-far-right-were-divided-and-conquered-by-themselves-20190108-p50qcb.html>

3.3. Crusius e seu manifesto

Em 3 de agosto de 2019, Patrick Wood Crusius, estadunidense de 21 anos, alvejou a sangue frio, quase 50 pessoas em um Hipermercado da Rede Walmart, próximo ao Shopping Cielo Vista, na cidade de El Paso, Texas, cidade gêmea de *Ciudad Juarez*, México. Ele matou 23 pessoas e feriu outras 23, em sua grande maioria americanos. A arma e munições utilizadas pelo terrorista, uma AK-47 para uso civil (AR-100), foram compradas legalmente pela Internet da Romênia e Rússia. Crusius dirigiu por cerca de 10 horas vindo da cidade de Allen, um subúrbio de Dallas, Texas (LABORDE, 2019). O ataque terrorista em El Paso foi o sétimo tiroteio em massa mais mortal da história moderna dos EUA. Foi também o terceiro tiroteio mais mortal na história do Texas, o pior desde que um atirador assassinou 26 pessoas durante um tumulto na Primeira Igreja Batista em Sutherland Springs, perto de San Antonio, em novembro de 2017. Este também foi o maior atentado contra latinos registrado em solo americano. O atentado foi classificado pelo FBI como terrorismo doméstico e crime de ódio durante a pronúncia de Crusius (MACKLIN, 2019b).

Crusius teria escolhido o Walmart de El Paso por acreditar que ele estaria lotado de latinos, notadamente mexicanos, que estariam comprando materiais para volta às aulas de seus filhos após o término das férias de verão e que aquele local representaria um alvo fácil (*soft target*) para executar seu atentado. Minutos antes do ataque ele postou no fórum de mensagens *8chan* um manifesto onde tenta explicar suas motivações políticas. Semanas após o ataque, o *8chan* foi encerrado, por ser considerado uma plataforma de suporte para terroristas de extrema direita, gerando migração de seus usuários para outros fóruns na *Darkweb* ou plataformas criptografadas de ponta a ponta, como o *Telegram* (MACKLIN, 2019b).

Crusius em seu manifesto (ARANGO; BOGEL-BURROUGHS; BENNER, 2019) cita nominalmente os ataques de Tarrant em Christchurch e a teoria conspiratória da grande substituição, entretanto seu alvo não foram os muçulmanos e sim os latinos, notadamente mexicanos (OGLOBO, 2019), que estariam ameaçando a branquitude estadunidense através de seu crescimento populacional exponencial, que um dia tornariam os brancos estadunidenses minoria naquele país e promoveriam uma mudança política garantindo ao Partido Democrata a supremacia e vitórias recorrente nas eleições presidenciais, além de promover a derrocada econômica de seu país (CRUSIUS, 2019).

O manifesto postado pelo terrorista de El Paso é um documento curto de cinco páginas intitulado “A verdade inconveniente” com duplo sentido: em alusão ao filme de Al Gore sobre a mudança climática louvado pelo movimento ecofascista; e a invasão dos

imigrantes latinos. O manifesto é autorreferencial ao terrorismo de extrema direita no qual ele se denomina como um Terrorista Nacionalista Branco, e a frase de abertura do manifesto anuncia apoio ao atirador de Christchurch, onde afirma que o ataque foi uma resposta à invasão hispânica do Texas. Crusius classificou sua violência como defensiva: Eles são os instigadores, não eu. Estou simplesmente defendendo meu país da substituição cultural e étnica provocada por uma invasão. Ele negou que seus motivos fossem pessoais, enquanto insinuava que o impacto provocado pelo ato terrorista em Christchurch e a leitura do manifesto de Tarrant definiram o alvo de suas ações (CRUSIUS, 2019).

O manifesto de Crusius tem um prognóstico pessimista de que os EUA estão apodrecendo de dentro para fora e que um meio pacífico de deter o declínio parece quase impossível. Crusius acreditava na retórica anti-imigração do Partido Republicano, combinada com a mudança demográfica do país, significava que a população hispânica cada vez maior se reuniria aos democratas: A América logo se tornará um Estado-partido. O partido democrata será o dono da América e eles sabem disso (CRUSIUS, 2019).

O manifesto de Crusius também se utiliza do ideário do ecofascismo tal qual Tarrant para justificar a morte dos latinos, os quais reconhece não serem a real origem da degradação ambiental do seu país, mas que poderiam ajudar, ao desaparecerem ou irem embora, reequilibrando o uso dos recursos naturais e impedindo que ele matasse seus próprios compatriotas. A solução de Crusius segue uma lógica neomalthusiana para a superpopulação baseada no terrorismo, separatismo racial e no desejo de mandá-los de volta com o objetivo de evitar a mistura de raças, promovendo a unidade social e a regeneração ambiental (MACKLIN, 2019b).

Ecofascismo é uma crença de que a única maneira de lidar com as mudanças climáticas é por meio da eugenia e da supressão brutal de imigrantes (DARBY, 2019). Ela é nada menos que o casamento entre ambientalismo e supremacia branca (MANAVIS, 2018 apud NEWTON, 2020). Os ecofascistas se esforçam para alcançar uma esfera ambiental pura e uma esfera social pura (ADLER-BELL, 2019 apud NEWTON, 2020). O denominador comum em ambos os cenários é que eles (ecofascistas) não incluem pessoas de cor (não brancos). Para um ecofascista, para alcançar a pureza ambiental e social, as pessoas de cor, notadamente os imigrantes devem se sacrificar (morrer) pelo bem do planeta. Isso está de acordo com a xenofobia e a eugenia, nenhuma das quais é nova para o movimento ambientalista (NEWTON, 2020).

Crusius acredita que seu ataque é o primeiro tiro em uma campanha que, em última análise, evitaria essa distopia racial percebida por ele, ao encorajar com terrorismo, que os imigrantes econômicos que estavam aceitando empregos de americanos brancos voltassem para casa. Crusius também protesta contra a América corporativa, a qual ele acredita incentivar a imigração e promover a desindustrialização e automação contra a classe trabalhadora branca, embora ele também considerasse a automação uma bênção, uma vez que eliminaria a necessidade de novos imigrantes preenchessem empregos não qualificados (MACKLIN, 2019b).

Assim como nos manifestos de Tarrant e Breivik, Crusius também descreveu muito brevemente os preparativos táticos para seu atentado, particularmente sua escolha de arma e de munição, admitindo que aquele equipamento (AK-47 para uso civil) não era tão bom quanto um rifle AR-15 de fabricação estadunidense. Crusius também admite desleixo no planejamento do ataque: Não gastei muito tempo me preparando para este ataque. Talvez um mês, provavelmente menos. Isso foi refletido na maneira desorganizada na qual o ataque foi executado em relação aos ataques em Christchurch. Crusius se gabou em seu manifesto que diferia de outros extremistas de direita: Achei que um ataque mal preparado e um manifesto é melhor do que nenhum ataque e nenhum manifesto. Assim, o ataque de Crusius seria fruto de uma necessidade imediata: Tenho que fazer isso antes de perder a coragem (MACKLIN, 2019b; CRUSIUS, 2019).

O ataque de Crusius poderia ter sido evitado, dentro do prazo em que Crusius disse ter preparado seu ataque (2 meses). Advogados da família do terrorista afirmaram à CNN que sua mãe, preocupada com o fato de seu filho possuir uma arma de fogo do tipo AK, devido a idade, imaturidade e inexperiência no manuseio daquela arma, teria ligado para o Departamento de Polícia da cidade de Allen em 27 de junho 2019, cerca de cinco semanas antes do massacre. Ela havia falado com um oficial da lei que disse, com base em sua descrição da situação, que seu filho tinha o direito legal de comprar aquela arma. Ainda de acordo com os advogados da família, o telefonema foi informativo ao invés de ser motivado por qualquer preocupação sobre seu filho representar uma ameaça para ele ou outras pessoas, fato que ela confirmou ao oficial de segurança pública durante sua ligação. A mãe de Crusius não forneceu seu nome nem de seu filho e o oficial não procurou mais informações antes da ligação ser concluída (MACKLIN, 2019b).

O estado do Texas tem leis que permitem o porte de armas de forma aberta ou oculta e Crusius confessou à polícia durante seu interrogatório que ficou surpreso quando ninguém o

desafiou ou atirou contra ele. Mesmo que o tempo de resposta entre a ligação para 911 (emergência) e a chegada dos primeiros policiais tenha durado 6 minutos, após o início do tiroteio, onde os policiais normalmente estão limitados identificar e neutralizar o perpetrador, o problema central dos ataques em massa é o acesso a armamento semiautomático. Embora Crusius tenha usado uma arma de estilo AK-47 para uso civil, a proliferação de armas de fogo de polímero leve combinadas com carregadores estendidos de alta capacidade, como os que foram usados em vários ataques, aumentou a capacidade em matar e ferir até mesmo aos mais débeis atiradores (MACKLIN, 2019b).

Crusius reconhecia em seu manifesto que sua morte era provavelmente inevitável e que, se não fosse morto pela polícia, seria morto a tiros por um dos invasores. Ele sabia que o crime que estava prestes a perpetrar merecia pena de morte se fosse capturado com vida, e imaginando um futuro no qual não suportaria viver sabendo que sua família o desprezaria, Crusius declarou: É por isso que não vou me render, mesmo que fique sem munição. Se eu for capturado, será porque fui subjugado de alguma forma. Apesar dessa garantia, Crusius após fugir de carro por poucos metros, se identificou como atirador e rendeu-se aos *Texas Rangers* sem dar um único tiro. Ele se declarou inocente das várias acusações e afirmou que agiu sozinho. Crusius ainda aguarda seu julgamento e sua sentença esperada é a pena capital. A defesa alegou graves deficiências mentais e que o perpetrador estaria sob efeito de medicamentos antipsicóticos durante o ataque. O massacre gerou mudança na política de venda armas, munições e porte de armas nas filias do Walmart (MACKLIN, 2019b; CRUSIUS, 2019).

Crusius trabalhava ensacando mantimentos em um supermercado e declarou em seu requerimento para um defensor público que não tinha renda ou bens e que morava com os avós cerca de seis semanas antes do tiroteio. Em sua página do LinkedIn, ele escreveu em habilidades: Nada realmente. Crusius se formou na *Plano Senior High School* em 2017 antes de se matricular no *Collin College*, uma faculdade comunitária na cidade vizinha de McKinney, onde estudou do outono de 2017 até a primavera de 2019. Um ex-vizinho disse ao *The Los Angeles Times* que ele era solitário, reservado, irritadiço e era alguém que não interagiu muito com ninguém. Ex-colegas de classe afirmaram que ele era vítima frequente de bullying na escola (MACKLIN, 2019b).

Apesar do atentado ter sido condenado com um ato covarde pelo ex-presidente Trump, congressistas e parte da mídia estadunidense culpam o ex-presidente e sua retórica anti-imigração como motivadora do ataque ao descrever por reiteradas vezes, durante sua campanha e discursos já como presidente, a imigração latina como uma “invasão aos EUA”

(SCHOENBERG, 2019). Crusius teria simpatia pelas ideias do Partido Republicano e seus tuites demonstravam que ele admirava o ex-presidente. Em seu manifesto, Crusius previu que seria visto simplesmente como resultado da retórica anti-imigração do ex-presidente e destacou em seu manifesto que tinha suas próprias opiniões a anos e que elas eram anteriores a Trump (BAKER; SHEAR, 2019). Para Crusius, qualquer tentativa de ligar os dois, era *fakenews*, ironicamente um bordão comum do ex-presidente Trump (MACKLIN, 2019b; CRUSIUS, 2019).

O ato terrorista de Crusius teve seu impacto amplificado pelo fato de no espaço de 16 horas, outro tiroteio em massa ter ocorrido, desta vez em Dayton, Ohio, onde um atirador de 24 anos usando armadura balística e máscara matou 9 pessoas, incluindo sua irmã e feriu outras 27. A polícia matou o atirador 32 segundos após o primeiro tiro, embora sua capacidade de matar neste curto período de tempo fosse resultado da combinação mortal de rifles de assalto e carregadores de alta capacidade. Embora a polícia tenha inicialmente descartado motivações raciais, autoridades afirmaram que existiam evidências que demonstravam que o assassino tinha um histórico de obsessão por violência e tiroteios em massa¹⁴, além do desejo de cometer um atentado. O atirador Connor Betts curtiu postagens sobre o massacre de El Paso no *Twitter*¹⁵ e o ataque de Crusius pode ter sido o gatilho para o ataque em Dayton (MACKLIN, 2019b).

O ataque de El Paso e Dayton levantaram novamente questões sobre a epidemia dos tiroteios em massa nos EUA. Nas duas semanas seguintes aos dois ataques as denúncias para o FBI sobre esse tipo de crime aumentaram 70%. No final de agosto de 2019, a polícia prendeu mais de 40 pessoas nos Estados Unidos por fazerem ameaças de cometer um tiroteio em massa ou planejar ataques similares (MACKLIN, 2019b).

As verdadeiras razões do ódio racial de Crusius contra mexicanos serão conhecidas quando do seu julgamento, adiado por causa da pandemia para 2022. Crusius se declarou inocente em sua audiência de indiciamento (pronuncia). Possivelmente ele será condenado a pena capital. Seu ataque não foi um ato isolado e faz parte de um arco histórico mais amplo de violência racista contra latinos e americanos de ascendência hispânica que ocorre desde a corrida para o Oeste e a guerra Mexicano-Americana (1846) (MACKLIN, 2019b).

¹⁴ <https://edition.cnn.com/2019/08/05/us/connor-betts-dayton-shooting-profile/index.html>

¹⁵ <https://www.forbes.com/sites/isabeltogoh/2019/08/06/dayton-mass-shooters-twitter-feed-appeared-to-like-posts-referencing-el-paso-killing-spreereports/?sh=75c3fd394e85>

3.4. Análise Comparada

Para Kaldor (2021) o ator político é guiado primeiro pelas emoções, depois pela razão. Assim os manifestos são o testemunho imperfeito do papel das emoções na tomada de decisões fornecendo uma visão imperfeita dos motivos que levam pessoas a cometer assassinatos em massa em nome do ideário de extrema direita.

Em perspectiva podem ser apontadas as seguintes similaridades entre os manifestos:

- Os manifestos elegem a grande substituição como o motivo principal de suas queixas. Muito mais que apenas uma questão apenas identitária, a substituição cultural promovida pelo multiculturalismo é outro ponto fundamental nos manifestos;
- Em todos os manifestos existe um ressentimento com *establishment* político e econômico representado pelas elites e não apenas com a comunidade imigrante. Os autores dos manifestos acreditam que o multiculturalismo é o culpado pelo seu declínio de status. Os perpetradores entendem que as elites ao invés dos imigrantes são moralmente culpadas por esta decadência (KALDOR, 2021);
- Os três terroristas fazem declarações tortuosas com o objetivo de manchar o status moral das elites e, em menor medida, dos imigrantes. No centro de cada uma dessas declarações está a evocação comum das teorias da conspiração sobre as elites globais. Embora a natureza das queixas dos extremistas em relação ao sistema sejam diferentes, a acusação permanece a mesma: a ideia sedutoramente simples de que desafios globais complexos são uma conspiração deliberada por aqueles no poder contra pessoas brancas comuns para destruir a sociedade e cultura ocidental (KALDOR, 2021);
- Os manifestos têm o objetivo de servirem a uma causa maior e mais nobre, muito mais que apenas uma justificativa plausível para a violência política ou propaganda. Eles são, na visão dos terroristas, um chamamento às armas, uma declaração de guerra que busca iniciar um movimento arregimentando um exército de imitadores;
- O manifesto de Breivik é um divisor de águas em relação ao extremismo de direita da última década. Para Berger (2019b) o manifesto se tornou um bastão em uma corrida de revezamento de extremistas, passada de um terrorista para outro por meio de comunidades online. Desta forma seu manifesto serve de base ideológica e operacional para ataques futuros, servindo tanto para radicalização como para a autoeducação e imitação;

- Ao analisar os manifestos e a infinidade de artigos científicos e jornalísticos, fica claro que o atentado e manifesto de Anders Breivik é a fonte de inspiração primária de Tarrant que foi a inspiração de Crusius, o que reforça a natureza autorreferencial dos atentados de extrema direita (KALDOR, 2021; MACKLIN 2019b; RAVNDAL, 2019);
- Nos três manifestos existe uma tentativa de caracterizar imigrantes e seus facilitadores na figura das elites com estereótipos negativos tais como políticos marxistas culturais, multiculturalistas, humanistas suicidas, globalistas capitalistas (BERWICK, 2011). Uma sociedade de niilismo desenfreado, consumismo e individualismo criada por homens fracos com nenhuma crença central, nenhum propósito e nenhuma visão para o futuro (TARRANT, 2019). Para Crusius (2019) o estado é corrupto e quebrado, os simpatizantes dos imigrantes são misturadores de raça desavergonhados, poluidores massivos, odiadores de nossos valores coletivos. Para todos os terroristas essas pessoas são traidoras;
- Todos os manifestos contam com termos carregados de emoção para descrever a assimetria de status entre os terroristas e as elites cúmplices de políticas de extinção da raça branca. Esta linguagem é acompanhada de expressões de indignação moral em relação ao caráter dos imigrantes. Por meio de uma poderosa perversão da realidade, os perpetradores se constroem como vítimas heroicas da estrutura social e retratam os alvos de seu ataque como subumanos ou como a personificação de todo o mal (KALDOR, 2021);
- Os três perpetradores frequentemente se referem aos imigrantes que chegam à Europa ou aos Estados Unidos como uma horda invasora, evocando assim a imagem da guerra e da necessidade de defesa. Breivik se refere aos muçulmanos como animais selvagens que provocam o genocídio do povo europeu. Tarrant argumenta que é impossível escapar da contaminação promovida por imigrantes na civilização ocidental. Ele também compara imigrantes a um ninho de víboras. Crusius lamenta como aqueles sem meios para repelir os milhões de invasores não têm escolha a não ser sentar e observar seus países queimarem. A repetição de metáforas animais não é acidental. Os perpetradores intencionalmente desumanizam os imigrantes, descrevendo-os como bestiais, tornando assim sua reclamação sobre o declínio percebido da sociedade ocidental mais justificável para seus leitores (KALDOR, 2021);
- Os manifestos de Breivik e Tarrant revelam foco nos povos europeus e preveem um internacionalismo europeu branco, limitado não pela língua, cultura ou fronteiras nacionais, mas pela raça. Crusius está predominantemente focado em questões domésticas dos EUA sendo solidário à luta dos europeus (EHSAN; STOTT, 2020).

Em perspectiva podem ser apontadas as seguintes similaridades entre os atentados terroristas e seus perpetradores:

- Todos os terroristas agiram sozinhos em nome da ideologia de extrema direita sem compor um grupo ou rede organizada de extrema direita (lobo solitário);
- Os três perpetradores se auto radicalizaram com a utilização massiva da Internet através de redes sociais, fóruns de discussão e comunidades de jogos on-line. Não existem indícios de que eles tenham participado de interações reais com grupos ou pessoas de extrema direita;
- Os três agressores são pessoas comuns com frustrações em relação a sua vida ordinária e com pensamentos grandiloquentes e narcisistas;
- Os três perpetradores teriam problemas psicológicos em virtude da ausência de figura paterna;
- Os atentados foram cuidadosamente pensados para causar o maior dano e serem impactantes em termos de atração da mídia. O atentado de Crusius é o mais caótico e desleixado nesse sentido;
- Para os três agressores o terrorismo é uma forma de comunicação onde o ato de violência busca influenciar um público específico. Assim os três têm a preocupação em publicizar o máximo possível seus manifestos com a utilização de *e-mail*, redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, fóruns como *8chan* e *Reddit*; Tarrant utilizou da linguagem visual, da transmissão on-line de vídeo e da cultura de meme da Internet para maximizar sua exposição;
- As armas e munições utilizadas nos atentados foram adquiridas legalmente pelos terroristas, assim como o material para dispositivo explosivo de Breivik;
- Breivik e Crusius usaram massivamente a Internet para aprender e aprimorar técnicas utilizadas nos atentados: como construir bombas, adquirir armas, fugir das autoridades, apagar pegadas digitais, usar esteroides;
- Nenhum dos três terroristas, até o momento, demonstrou arrependimento, culpa ou remorso por suas ações. Inicialmente todos se consideraram inocentes e desejavam ser julgados como combatentes regulares. Breivik foi considerado legalmente e criminalmente responsável pelos seus atos recebendo a pena máxima (21 anos) apesar de inicialmente ser considerado mentalmente inapto. Ele ficará preso pelo resto da vida passando por avaliações psiquiátricas periódicas. Tarrant mudou de ideia e se considerou culpado e foi condenado a prisão perpétua sem direito a liberdade condicional. Crusius aguarda julgamento e deverá ser sentenciado à pena capital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho desnudou o extremismo violento de direita como um problema securitário que não pode ser ignorado. A natureza do terrorismo de extrema direita contemporânea é global, ideologicamente diversa e imprevisível. Embora a combinação de manifestos com ataques terroristas tenha sido um componente proeminente da violência de extrema direita da última década, declarações de princípio, intenções e reivindicações de responsabilidade sempre foram uma característica da violência de inspiração política. Mais que nunca, se faz necessário romper com a cadeia recursiva de manifesto seguido de ataque, seguido de manifesto, seguido de ataque (EHSAN; STOTT, 2020).

O Instituto Internacional de Contraterrorismo (ICT) classifica o extremismo violento de direita como um vírus, que através da propaganda se propaga pelo ciberespaço e ganha mais força durante a crise da pandemia de Covid-19 criando ainda mais desinformação, teorias conspiratórias e novos inimigos. Para o ICT essa ação se dá através do uso de redes sociais como *Facebook*, *Youtube*, *Telegram*, além da *Darkweb*. Conforme destaca o instituto, as ações nessas plataformas utilizam das mesmas estratégias usuais da extrema direita baseadas no fomento do medo e das *fakenews*, da difamação e do uso das redes sociais em detrimento da mídia tradicional. As *fakenews* espalhadas durante a pandemia reforçam ainda mais os preconceitos contra asiáticos, judeus, chineses, estrangeiros e imigrantes, e mais uma vez, essas novas narrativas também servem para reverberar crenças racistas e antisemitas (MASRI; WEIMANN, 2020).

Desta forma, a crise gerada pela pandemia de Covid-19, que direciona o comportamento das pessoas para o pânico alimentado pelas notícias, é o ambiente ideal para extrema direita fomentar o medo, o ódio e a mentira. A extrema direita se utiliza desse momento, através das redes sociais e *Darkweb*, para agudizar o medo, seu principal combustível, através de narrativas apocalípticas de colapso social ou guerra racial. O uso do medo busca atrair seguidores e interesse, além de espalhar, ainda mais, as teses e teorias extremistas (MASRI; WEIMANN, 2020).

Portanto, se faz necessário reduzir o alcance das teorias conspiratórias e *fakenews*. Para que a desinformação funcione, ela deve ser apresentada juntamente com informações precisas e confiáveis de fontes respeitadas. Uma parte significativa da ameaça de manifestos terroristas contemporâneos é a combinação de mensagens profundamente perigosas com

comentários e críticas que atrairão o público em geral. Assim críticas ao *establishment* tornam os argumentos populares por criticar o sistema e suas contradições (EHSAN; STOTT, 2020).

Outra iniciativa que pode minimizar a ameaça terrorista de extrema direita é reduzir o espaço político em que ela pode operar. Perigos inerentes ao descontentamento político e a desconfiança em relação a autoridades, além dos baixos níveis de interação das comunidades racialmente diversas são questões que merecem uma resposta institucional coordenada (EHSAN; STOTT, 2020).

A natureza crescente transnacional da extrema direita é caracterizada tanto como algo que necessita de uma resposta internacional coordenada, quanto como uma fraqueza potencial em uma era em que a soberania nacional, em oposição ao separatismo racial, está sendo restabelecida. Isso precisa ser realizado no nível das Nações Unidas, não apenas como iniciativas de blocos regionais ou por cooperação bilateral. Desta forma, existe a necessidade de compartilhar inteligência, monitorar a distribuição de materiais extremistas e responder à disseminação de ideias de ativistas de extrema direita que operam, cada vez mais, em vários continentes, combinando respostas locais e transacionais (EHSAN; STOTT, 2020).

O extremismo violento de direita se utiliza massivamente do ciberespaço e todo tipo de ferramenta de propaganda para espalhar seu ódio. Com grande certeza, suas teorias e discurso para ação só podem se propagar para além de sua marginalidade com o uso de redes sociais que permitiram que pessoas ao redor do mundo compartilhem essas ideias, muitas vezes anonimamente, criando redes de disseminação de discurso de ódio. Isso fica claro com a glorificação dentro desses grupos das ações de Breivik, Tarrant e Crusius e da força adquirida por seus manifestos.

Deste modo, também se faz necessário trabalhar com as empresas de tecnologia, governos e organizações internacionais para diminuir a disseminação do discurso de ódio e a radicalização online. O plano de ação *The Christchurch Call to Action*, lançado pela primeira ministra da Nova Zelândia, Jacinta Ardern, com apoio da França, um ano após o atentado de Tarrant, é uma iniciativa que compromete governos, organizações internacionais e as grandes empresas da Internet a tomar uma série de medidas, em particular desenvolver ferramentas para prevenir o *download* de conteúdo terrorista e extremista violento; combater as causas do extremismo violento melhorando a transparência na detecção e remoção de conteúdo; e garantir que os algoritmos projetados e usados pelas empresas não direcionem os usuários para conteúdo extremista violento, de modo a reduzir sua natureza viral. A iniciativa já foi adotada por 55 países, incluindo os Estados Unidos e todos os outros membros do G7, Comissão Europeia e Unesco. Brasil, China e Rússia ainda não aderiram à iniciativa. Entre as empresas de Internet

que aderiram a iniciativa estão *Amazon, Facebook, Google, Microsoft, Qwant, Twitter, YouTube e DailyMotion* (*New Zealand Foreign Affairs and Trade*, 2020).

Os potenciais motores domésticos de envolvimento e engajamento com o extremismo violento de direita devem ser compreendidos para que possam ser combatidos. Em vez de meramente condenar a extrema direita, uma compreensão maior da ideologia deve ser adquirida e traduzida em programas de desradicalização com recursos adequados. Programas bem sucedidos como o *EXIT-Germany*¹⁶, com ênfase na coesão da comunidade pode fornecer pistas inestimáveis (CAMPION, 2019).

Conforme destaca Kaldor (2021) o “Orçamento de Bem-estar” da Nova Zelândia, destinado a serviços de saúde mental posteriores ao ataque de Christchurch, é uma possível abordagem centrada nas emoções para atacar as raízes do extremismo violento e suas consequências.

Finalmente, pessoas não se radicalizam e cometem atos de terror em um vácuo social, mesmo lobos solitários. Nesse contexto, um estudo sobre 119 perpetradores individuais de terrorismo apresentado pelo Centro Internacional de Estudos sobre Terrorismo (ICST) da Universidade Estadual da Pensilvânia revela que a grande maioria dos supostamente lobos solitários estão regularmente engajados em uma gama detectável e observável de comportamentos e atividades com um grupo de pressão mais amplo, movimento social ou organização terrorista. O estudo também defende que, no período que antecedeu à maioria dos eventos terroristas com um único ator, evidências sugerem que pessoas sabiam sobre a queixa do agressor, ideologia extremista, pontos de vista e da intenção de se envolver em violência. Em 83% dos casos analisados, pessoas estavam cientes das queixas que mais tarde estimularam seus planos ou ações terroristas. Em 79% dos casos, pessoas estavam cientes do compromisso do indivíduo com uma ideologia extremista específica. Em 64% dos casos, a família e os amigos sabiam da intenção do indivíduo de se envolver em uma atividade relacionada ao terrorismo porque o agressor disse verbalmente (ICST, 2012).

O extremismo violento de direita não pode e não deve ser minimizado. Apesar de representar, em grande medida, uma ameaça com alta recorrência, mas baixa intensidade, a natureza autorreferencial dos atentados e manifestos de extrema direita criam uma espiral de violência sem fim, onde o próximo perpetrador busca superar seus ídolos e mártires em um jogo mortal. Terroristas fazem parte da sociedade, e cabe à sociedade, como um todo, detê-los.

¹⁶ <https://www.exit-deutschland.de/english/>

Referências

- 22 JULY; Direção: Paul Greengrass. Produção: Scott Rudin, Eli Bush, Gregory Goodman, Paul Greengrass. EUA: Scott Rudin Productions, Netflix, 2018. (143 min.).
- ARANGO, Tim; BOGEL-BURROUGHS, Nicholas; BENNER, Katie. **Minutes Before El Paso Killing, Hate-Filled Manifesto Appears Online**. New York Times, 3 ago. 2019. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2019/08/03/us/patrick-crusius-el-paso-shooter-manifesto.html> >. Acesso em 10 maio. 2021.
- ARCHER, Toby. Breivik's Mindset: The Counterjihad and the New Transatlantic Anti-Muslim Right. In. TAYLOR, Max; HOLBROOK, Donald; CURRIE, P.M. (org). **Extreme Right Wing Political Violence and Terrorism**. Londres: Bloomsbury, 2013. p. 169-185.
- BAKER, Peter; SHEAR, Michael D. **El Paso Shooting Suspect's Manifesto Echoes Trump's Language**. New York Times, 4 ago. 2019. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2019/08/04/us/politics/trump-mass-shootings.html> >. Acesso em 31 maio 2021.
- BANGSTAD, Sindre. **Anders Breivik and the Rise of Islamophobia**. Londres: Zed Books, 2014.
- BELEW, Kathleen. **Bring the War Home: The White Power Movement and Paramilitary America**. Cambridge: Harvard University Press, 2018.
- BERGER, J. M. **Extremism**. Cambridge: MIT Press, 2018.
- _____. **The Dangerous Spread of Extremist Manifestos**. The Atlantic, 26 fev. 2019a. Disponível em < <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2019/02/christopher-hasson-was-inspired-breivik-manifesto/583567/> >. Acesso em 7 jun. 2021.
- _____. **The Strategy of Violent White Supremacy is Evolving**. The Atlantic, 7 ago, 2019b. Disponível em < <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2019/08/the-new-strategy-of-violent-white-supremacy/595648/> >. Acesso em 30 mar. 2021.
- BERWICK, Andrew. **2083 - A European Declaration of Independence**. Londres: 2011. Disponível em <<http://info.publicintelligence.net/AndersBehringBreivikManifesto.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2020.
- BORUM, Randy. **Radicalization into Violent Extremism I: A Review of Social Science Theories**. Journal of Strategic Security, V.4, N.4, Winter, p. 7-39, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 13.260, de 18 de março de 2016**. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as Leis nos 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13260.htm>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- BRUTER, Michael; HARRISON, Sarah. **Mapping Extreme Right Ideology: An Empirical Geography of the European Extreme Right**. Londres: Palgrave Macmillan, 2011.
- BURKE, Jason. **Technology is terrorism's most effective ally. It delivers a global audience**. The Guardian, 17 mar. 2019. Disponível em < <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/mar/17/technology-is-terrorisms-most-effective-ally-it-delivers-a-global-audience> >. Acesso em 20 jun. 2021.

_____. **The myth of the 'lone wolf' terrorist.** The Guardian, 30 mar. 2017. Disponível em < <https://www.theguardian.com/news/2017/mar/30/myth-lone-wolf-terrorist> >. Acesso em 29 mai. 2021.

CAMPION, Kristy. **From Christchurch to El Paso: understanding white, right-wing terrorism.** The Sydney Morning Herald, 10 ago. 2019. Disponível em < <https://www.smh.com.au/national/from-christchurch-to-el-paso-understanding-white-right-wing-terrorism-20190809-p52fke.html> >. Acesso em 18 jun. 2021.

CAMUS, Renaud. **Le Grand Remplacement.** 2012. *E-Book*.

CHAKRAVORTI, Robi. **Terrorism: Past, Present and Future.** Economic and Political Weekly. V. 29, N. 36, Sep. 3, p. 2340-2343, 1994.

CHOHAN, Usman W. **Decoding the Australian terrorist's manifesto.** Centre for Aerospace & Security Studies. 3 set. 2019. Disponível em < <https://casstt.com/post/decoding-the-australian-terrorist-s-manifesto/58> > . Acesso em 22 jun. 2021.

COHEN, Andrew. 2010. **Tyranny, From Tim McVeigh to Ginny Thomas.** The Atlantic, 18 mar. 2010. Disponível em < <https://www.theatlantic.com/national/archive/2010/03/tyranny-from-tim-mcveigh-to-ginny-thomas/37637/> >. Acesso em 10 mar. 2021.

CORRÊIO DA MANHÃ. **Extrema-direita cresce na Europa e Portugal não é exceção, revela relatório.** 16 fev. 2021. Disponível em < <https://www.cmjornal.pt/politica/detalhe/extrema-direita-cresce-na-europa-e-portugal-nao-e-excecao-revela-relatorio> >. Acesso em 15 abr. 2021.

COTTEE, Simon. **Sex and Shame: What Incels and Jihadists Have in Common.** New York Times, 20 abr. 2018. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2018/04/30/opinion/sex-shame-incels-jihadists-minassian.html> >. Acesso em 20 jun. 2021.

CRONIN, Audrey Kurth. **How Terrorism Ends.** Princeton: Princeton University Press, 2009.

CRUICKSHANK, Paul. **From the Editor.** Combat Terrorism Center Sentinel, V. 12, Issue 11, p1, dez. 2019.

CRUSIUS, Patrick. **The Inconvenient Truth.** 2019. Disponível em: <<https://randallpacker.com/wp-content/uploads/2019/08/The-Inconvenient-Truth.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

DARBY, Luke. **What Is Eco-Fascism, the Ideology Behind Attacks in El Paso and Christchurch?** QG Magazine, 7 ago. 2019. Disponível em < <https://www.gq.com/story/what-is-eco-fascism> >. Acesso em 27 jun. 2021.

DW - DEUTSCHE WELLE. **Populistas de direita veem globalização como ameaça.** 30 nov. 2016. Disponível em < <https://p.dw.com/p/2TVrB> >. Acesso em 15 fev. 2021.

DONAGHUE, Erin. **Racially-motivated violent extremists elevated to "national threat priority," FBI director says.** CBS News, 5 fev. 2020. Disponível em < <https://www.cbsnews.com/news/racially-motivated-violent-extremism-isis-national-threat-priority-fbi-director-christopher-wray/> >. Acesso em 15 fev. 2021.

DOXSEE, Catrina; HARRINGTON, Jake. **The First U.S. National Strategy for Countering Domestic Terrorism.** Center for Strategic and International Studies, 17 jun. 2021. Disponível em < <https://www.csis.org/analysis/first-us-national-strategy-countering-domestic-terrorism> >. Acesso em 28 jun. 2021.

DURHAM, Martin. **White Rage. The extreme right and American politics.** Londres: Routledge, 2007.

EHSAN, Rakib; STOTT, Paul. **Far-Right Terrorist Manifestos: A Critical Analysis**. Londres: Henry Jackson Society's Centre on Radicalization and Terrorism, fev. 2020.

FARIVAR, Masood. **New Biden Administration Strategy Seeks to Confront Domestic Terrorism**. Voanews.com, 15 jun. 2021. Disponível em < <https://www.voanews.com/usa/new-biden-administration-strategy-seeks-confront-domestic-terrorism> >. Acesso em 28 jun. 2021.

FORSYTH, James. **Inside the mind of the Shoe Bomber**. Foreign Policy, 24 ago. 2006. Disponível em < <https://foreignpolicy.com/2006/08/24/inside-the-mind-of-the-shoe-bomber/> >. Acesso em 5 jun. 2021.

ICST - INTERNATIONAL CENTER FOR THE STUDY OF TERRORISM – THE HAUGE. **Tracing the Motivations and Antecedent Behaviors of Lone-Actor Terrorism: A Routine Activity Analysis of Five Lone-Actor Terrorist Events**. The Pennsylvania State University, ago. 2012.

GILSINAN, Kathy. **How White-Supremacist Violence Echoes Other Forms of Terrorism**. The Atlantic, 15 mar. 2019. Disponível em < <https://www.theatlantic.com/international/archive/2019/03/violence-new-zealand-echoes-past-terrorist-patterns/585043/> >. Acesso em 20 abr. 2021.

GORBAN, Ben, STRAUB, Frank; ZEUNIK, Jennifer. **Lessons Learned from the Police Response to the San Bernardino and Orlando Terrorist Attacks**. CTC Sentinel, V10, Issue 5, p 1-8, maio 2017.

GORDON, Linda. **The Second Coming of the KKK: The Ku Klux Klan of the 1920s and the American Political Tradition**. Nova Iorque: Liveright, 2017.

HALSEY III, Ashley. **As terrorists turn to 'lone-wolf' attacks, TSA adjusts its tactics**. The Washington Post, 7 mar. 2018. Disponível em < https://dothaneagle.com/article_f76a89c7-8204-54b5-afb0-a9991a46ec32.html >. Acesso em 31 mai. 2021.

HAMM, Mark; SPAAIJ, Ramon. **Lone Wolf Terrorism in America: Using Knowledge of Radicalization Pathways to Forge Prevention Strategies**. Washington DC: National Institute of Justice, 2015.

HASAN, Mehdi. **Os números não mentem: O terrorismo de extrema-direita é uma grande ameaça para os EUA**. The Intercept_Brasil, 1 jun. 2017. Disponível em < <https://theintercept.com/2017/06/01/os-numeros-nao-mentem-o-terrorismo-de-extrema-direita-e-uma-grande-ameaca-para-os-eua/> >. Acesso em 10 abr. 2021.

HEDGES, Chris. **Wages of Rebellion**. Nova Iorque: Bold Type Books, 2015.

HOFMANN, David C. **How "Alone" are Lone-Actors? Exploring the Ideological, Signaling, and Support Networks of Lone-Actor Terrorists**. Studies in Conflict & Terrorism, V.43, Issue 7 1-21, 2018.

HOFFMAN, Bruce. **How Serious Is White Nationalist Terrorism?** Council on Foreign Relations, 29 mar. 2019. Disponível em < <https://www.cfr.org/in-brief/how-serious-white-nationalist-terrorism> >. Acesso em 5 mai. 2021.

_____. **Inside Terrorism**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2006.

HOLBROOK, Donald; TAYLOR, Max. Introduction. In. TAYLOR, Max; HOLBROOK, Donald; CURRIE, P.M. (org). **Extreme Right Wing Political Violence and Terrorism**. Londres: Bloomsbury, 2013. p. 1 - 13.

HOUEN, Alex. **Terrorism and Modern Literature, from Joseph Conrad to Ciaran Carson**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

HUSSAIN, Murtaza. **New Zealand Suspect's Actions are Logical Conclusion of Calling Immigrants "Invaders"**. The Intercept, 18 mar. 2019. Disponível em < <https://theintercept.com/2019/03/18/new-zealand-mosque-shooter-manifesto/> >. Acesso em 2 jun. 2021.

HUTCHINSON, Martha Crenshaw. **The Concept of Revolutionary Terrorism**. The Journal of Conflict Resolution, v. 16, n. 3, pp. 383–396, 1972.

JERRYSON, Michael; JUERGENSMEYER, Mark; KITTS, Margo. (Ed.). **The Oxford Handbook of Religion and Violence**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

JUERGENSMEYER, Mark. **Why Breivik Was a Christian Terrorist**. Huffpost.com, 27 julho 2011. Disponível em: < https://www.huffpost.com/entry/why-breivik-was-a-christi_b_910443 >. Acesso em: 05 dez. 2020.

KALDOR, Sophie. **Far-Right Violent Extremism as a Failure of Status: Extremist Manifestos through the Lens of Ressentiment**. The International Centre for Counter-Terrorism. ICCT Research Paper, maio 2021.

KIFNER, John. **Zeal of Rabin's Assassin Linked to Rabbis of the Religious Right**. New York Times, 12 nov. 1995. Disponível em < <https://www.nytimes.com/1995/11/12/world/zeal-of-rabin-s-assassin-linked-to-rabbis-of-the-religious-right.html> >. Acesso em 12 jun. 2019

KNAUSGAARD, Karl Ove. **The Inexplicable**. The New Yorker, 25 mai. 2015. Disponível em < <https://www.newyorker.com/magazine/2015/05/25/the-inexplicable> >. Acesso em 1º jun. 2021.

LABORDE, Antonia. **O jovem que conduziu nove horas para provocar um banho de sangue em El Paso**. El Pais, 4 ago 2019. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/04/internacional/1564933988_774687.html >. Acesso em 8 maio 2021.

LAKE, David. **Rational Extremism: Understanding Terrorism in the Twenty-First Century**. Dialogue IO. V.1, p 15-29, 2002.

LAQUEUR, Walter. **The Age of Terrorism**. Boston: Little Brown and Company, 1987.

LAQUEUR, Walter; WALL, Christopher. **The Future of Terrorism: Isis, Al-Qaeda, and Alt-Right**. Nova Iorque: Thomas Dunne Books, 2018.

LAW, Randall D. **Terrorism: A History (Themes in History)**. Cambridge: Polity Press, 2a ed, 2016.

LORENZ, Taylor. **The Shooter's Manifesto Was Designed to Troll**. The Atlantic, 15 mar. 2019. Disponível em < <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2019/03/the-shooters-manifesto-was-designed-to-troll/585058/> >. Acesso em 19 jun. 2021.

MACKLIN, Graham. **The Christchurch Attacks: Livestream Terror in the Viral Video Age**. Combat Terrorism Center Sentinel, V. 12, Issue 6, jul. 2019a.

_____. **The El Paso Terrorist Attack: The Chain Reaction of Global Right-Wing Terror**. Combat Terrorism Center Sentinel, V. 12, Issue 6, dez. 2019b.

MCCAULEY, Clark; MOSKALENKO, Sophia. **Toward a profile of lone wolf terrorists: what moves an individual from radical opinion to radical action**. Terrorism and Political Violence, V.26, Issue 1, p. 69-85, 2014.

MASRI, Natalie; WEIMANN, Gabriel. **The Virus of Hate: Far-Right Terrorism in Cyberspace**. Herzliya: International Institute for Counter-Terrorism, 2020.

- MEDEIROS, Sabrina; VALENTE, Luize. **O Manifesto de Anders Breivik**. Um atentado anunciado: Noruega, 22 de julho de 2011. Revista Estudos Políticos, Rio de Janeiro: V. 2, N. 4, p. 35-48, 2011.
- MORRIS, Travis. **Dark Ideas: How Neo-Nazi and Violent Jihadi Ideologues Shaped Modern Terrorism**. Lexington Books, 2016.
- MURRAY, Douglas. **The Strange Death of Europe: Immigration, Identity, Islam**. Londres: Bloomsbury, 2017.
- NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES. **Countering Violent Extremism Through Public Health Practice: Proceedings of a Workshop**. Forum on Medical and Public Health Preparedness for Disasters and Emergencies. Washington DC: National Academies Press, 2017.
- NATIONAL CENTER FOR THE ANALYSIS OF VIOLENT CRIME. **Lone Offender: A Study of Lone Offender Terrorism in the United States (1972-2005)**. November, 2019.
- NEWTON, Deja. **The Dark Side of Environmentalism: Ecofascism and Covid-19**. Office Of Sustainability – Student Blog, 15 abr. 2020. Disponível em < <https://usfblogs.usfca.edu/sustainability/2020/04/15/the-dark-side-of-environmentalism-ecofascism-and-covid-19/> >. Acesso em 27 jun. 2019.
- NEW ZEALAND FOREIGN AFFAIRS AND TRADE. Christchurch Call. Mar. 2020. Disponível em < <https://www.christchurchcall.com/> >. Acesso em 10 jun. 2021.
- OFFICE OF THE DIRECTOR OF NATIONAL INTELLIGENCE. **Domestic Violent Extremism Poses Heightened Threat in 2021**. Mar. 2021. Disponível em < <https://www.odni.gov/files/ODNI/documents/assessments/UnclassSummaryofDVEAssessment-17MAR21.pdf> >. Acesso em 02 abr. 2021.
- OGLOBO. **Atirador de El Paso confessa que mexicanos eram alvo**. 9 ago. 2019. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/mundo/atirador-de-el-paso-confessa-que-mexicanos-eram-alvo-23867448> >. Acesso em 25 maio. 2021.
- OSCE - ORGANIZATION FOR SECURITY AND CO-OPERATION IN EUROPE. **The Role of Civil Society in Preventing and Countering Violent Extremism and Radicalization that Lead to Terrorism: A Focus on South-Eastern Europe**. Vienna, 2018.
- PHILLIPS, Brian J. Deadlier in the U.S.? On Lone Wolves, Terrorist Groups, and Attack Lethality. In: **Terrorism and Political Violence**. V. 19, Issue 3, p. 533-549, 2017.
- PITCAVAGE, Mark. **Cerberus Unleashed: The Three Faces of the Lone Wolf Terrorist**. American Behavioral Scientist. V. 59, Issue: 13, pp. 1655-1680, 2015.
- RASPAIL, Jean. **Le Camp des Saints**. Paris: R. Laffont, 1985.
- RAVNDAL, Jacob Aasland. **Anders Behring Breivik's use of the Internet and social media**. Zeitschrift für Deradikalisierung und Demokratische Kultur, 2013.
- _____. **The Dark Web Enabled the Christchurch Killer**. Foreign Policy, 16 mar. 2019. Disponível em < <https://foreignpolicy.com/2019/03/16/the-dark-web-enabled-the-christchurch-killer-extreme-right-terrorism-white-nationalism-anders-breivik/> >. Acesso em 12 abr. 2021.
- RICHARDSON, Louise. **What Terrorists Want: Understanding the Enemy, Containing the Threat**. Nova Iorque: Random House, 2006.

ROOSE, Kevin. **On Gab, an Extremist-Friendly Site, Pittsburgh Shooting Suspect Aired His Hatred in Full.** New York Times, 28 out. 2018. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2018/10/28/us/gab-robert-bowers-pittsburgh-synagogue-shootings.html> >. Acesso em 7 abr. 2021.

SÁNCHEZ-VALLEJO, María Antonia. **Dos Proud Boys ao QAnon: o exército de Trump.** El Pais, 8 jan. 2021. Disponível em < <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-01-08/dos-proud-boys-ao-qanon-o-exercito-de-trump.html> >. Acesso em 15 abr. 2021.

SATLOFF, Robert. **A Primer on Hamas: Origins, Tactics, Strategy, and Response.** The Washington Institute for Near East Policy. Washington DC, 2006.

SCHMID, Alex P. Frameworks for Conceptualising Terrorism. In: **Terrorism and Political Violence**, V. 16, Issue 2, p 197-221, 2004.

_____. **The Routledge Handbook of Terrorism Research.** Londres: Routledge, 2011.

SCHRADER, Achim. **Métodos de pesquisa social empírica e indicadores sociais.** Ed. UFRGS, 2002.

SCHWARTZBURG, Rosa. **The 'white replacement theory' motivates alt-right killers the world over.** The Guardian, 5 ago. 2019. Disponível em < <https://www.theguardian.com/commentisfree/2019/aug/05/great-replacement-theory-alt-right-killers-el-paso> >. Acesso em 18 jun. 2021.

SEIERSTAD, Asne. **Um de Nós.** Rio de Janeiro: Record, 2016.

SHANE, Scott. **Inside Al Qaeda's Plot to Blow Up an American Airliner.** New York Times, 22 fev. 2017. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2017/02/22/us/politics/anwar-awlaki-underwear-bomber-abdulmutallab.html> > 22 jun. 2021.

SHERMAN, Amy. **Fact-check: Did the FBI director warn about white supremacist violence?** PolitiFact.com, 9 out. 2020. Disponível em < <https://www.statesman.com/story/news/politics/elections/2020/10/09/fact-check-did-fbi-director-warn-about-white-supremacist-violence/114251512/> >. Acesso em 15 fev. 2021.

SCHOENBERG, Shira. **President Donald Trump 'morally responsible' for inciting racial violence, U.S. Sen. Ed Markey says in remarks on El Paso, Dayton mass shootings.** Masslivemedia, 5 ago. 2019. Disponível em < <https://www.masslive.com/news/2019/08/president-donald-trump-morally-responsible-for-inciting-racial-violence-us-sen-ed-markey-says-in-remarks-on-el-paso-dayton-mass-shootings.html> >. Acesso em 20 maio 2021.

SIMON, Jeffrey. **Lone Wolf Terrorism: Understanding the Growing Threat.** Amherst: Prometheus Books, 2016.

SPAAIJ, Ramon. **Understanding Lone Wolf Terrorism: Global Patterns, Motivations and Prevention.** Springer: Dordrecht, 2012.

SPROAT, Peter Alan. **Can the state commit acts of terrorism? An opinion and some qualitative replies to a questionnaire.** Terrorism and Political Violence, V. 9, Issue 4, p. 117-150, 1997.

STANIFORTH, Andrew; RATCLIFFE, Marnie; RABENSTEIN, Christiane. **Blackstone's Counter-Terrorism Handbook.** Oxford: Oxford University Press, 2010.

STEPHENS, William; SIECKELINCK, Stijn; BOUTELLIER, Hans. **Preventing Violent Extremism: A Review of the Literature.** Studies in Conflict & Terrorism, V.44, Issue 4, 2018.

TARRANT, Brenton. **The Great Replacement**. 2019. Disponível em: <https://img-prod.ilfoglio.it/userUpload/The_Great_Replacementconvertito.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

TAYLOR, Max; HOLBROOK, Donald; CURRIE, P. M. (org). **Extreme Right Wing Political Violence and Terrorism**. Londres: Bloomsbury, 2013.

TEICHMAN, Jenny. **How to Define Terrorism**. Philosophy, V. 64, Issue 250, p. 505-517. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

TENOLD, Vegas. **Everything You Love Will Burn: Inside the Rebirth of White Nationalism in America**. Nova Iorque: Bold Type Books, 2018.

THE WHITE HOUSE. **National Strategy for Countering Domestic Terrorism**. Jun. 2021. Disponível em < <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/06/National-Strategy-for-Countering-Domestic-Terrorism.pdf> >. Acesso em 27 jun. 2021.

THOMPSON, A. C. **An Atomwaffen Member Sketched a Map to Take the Neo-Nazis Down. What Path Officials Took Is a Mystery**. Propublica.org, 20 nov. 2018. Disponível em <<https://www.propublica.org/article/an-atomwaffen-member-sketched-a-map-to-take-the-neo-nazis-down-what-path-officials-took-is-a-mystery>>. Acesso em 16 jun. 2021.

TOOHEY, Paul. **Brenton Tarrant manifesto: the delusions of a white supremacist**. News Corp Australia Network, 15 mar. 2019. Disponível em < <https://www.perthnow.com.au/news/australia/brenton-tarrant-manifesto-the-delusions-of-a-white-supremacist-ng-4f3e8382dccbd975533f487d4a3be6f6> >. Acesso em 10 28 jun. 2021.

TSE-TUNG, Mao. Trad. Araújo, Fernando. **Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária na China**. Marxists Internet Archives. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/mao/1936/guerra/index.htm>>. Acesso em 20 mar. 2021.

TUFEKCI, Zeynep. **YouTube, the Great Radicalizer**. New York Times, 10 mar. 2018. Disponível em < <https://www.nytimes.com/2018/03/10/opinion/sunday/youtube-politics-radical.html> >. Acesso em 20 dez. 2021.

UK HOME DEPARTMENT. **The United Kingdom's Strategy for Countering Terrorism**. Londres: Parliament, 2018.

UTØYA 22 Juli; Direção: Erik Poppe. Produção: Finn Gjerdrum, Stein B. Noruega: Paradox Film 7, 2018. (90 min.).

VAN EVERA, Stephen. **Guide to methods for students of political science**. Nova Iorque: Cornell University Press, 1997.

VIDAL, Gore. **The Meaning of Timothy McVeigh**. Vanity Fair, set. 2001. Disponível em < <https://www.vanityfair.com/news/2001/09/mcveigh200109> >. Acesso em 12 mar. 2021.

WARE, Jacob. **Testament to Murder: The Violent Far-Right's Increasing Use of Terrorist Manifestos**. The International Centre for Counter-Terrorism. Police Brief, mar. 2020.

WIGHT, Colin. Can states be terrorists? In: **Contemporary Debates on Terrorism**. Londres: Routledge, p. 47-62, 2018.